

DESCOLAD@S

Revista de Direitos Humanos - Inesc. Brasília/DF. Ano I. Nº 1
Distribuição gratuita

20 ANOS DO ECA

DIREITOS HUMANOS E ORÇAMENTO PÚBLICO





Conselho Editorial

Centro de Ensino Médio da Asa Norte – Ceam: Aline Maia Nascimento, Isabel Kelly Dias Amorim, Joana Piantino Bianchetti, Jorge Tawnan, Júlia Capdeville, Pedro Henrique Couto Torres, Poti Alves Picanço. Centro de Ensino Fundamental Carlos Motta – Lago Oeste: Antônia Alcide de J. Aguiar, Edilza Marques dos Santos, Eli Souza Pereira, Gabriella Dias dos Santos, Kelfenny F. de Araújo, Ludmilla Rodrigues, Paula Gabriela B. Castello. Centro de Ensino Médio 02 do Gama: Artur Ribeiro, Madmana de Vital Salem. Centro Educacional 04 do Guarã: Raissa Sampaio, Raquel Rodrigues Ferreira. Centro de Ensino Médio 03 da Ceilândia: Lourany Stefanie S. dos Anjos, Simão Soares da Silva Júnior. Centro de Ensino Médio 02 de Planaltina: Matheus Maia, Luana Barreto.

Conselho Pedagógico

Carlos Ely de Souto Abreu (Agência de Notícias dos Direitos da Infância – Andi à época); Clerton Oliveira Evaristo (Secretaria de Educação do DF), Daniel Gonçalves (Andi), Guacira César de Oliveira (Centro de Estudos Feministas e Assessoria - Cefemea), Kelly Kotlinski KK (Articulação de Mulheres Brasileiras do Distrito Federal - AMB/DF), Maria Inês Barbosa (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - Ipea), Perla Ribeiro (Centro de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente do Distrito Federal - Cedeca/DF), Regina Pedroza (Universidade de Brasília - UnB), Vivian Regazzi Bucco (Revista Viração).

Assessora responsável: Márcia Hora Acioli

Coordenação editorial: Renina Valejo

Coordenação gráfica: Lila Rosa Sardinha Ferro

Revisão: Paulo Henrique de Castro

Nome da Revista: Nycole Filincovski

Produção: Débora Denoffre

Edição e diagramação: Abtravideo

Impressão: Athalaia Gráfica e Editora

Tiragem: 12.500 exemplares

A Revista Descolad@s é uma publicação do Inesc - Instituto de Estudos Socioeconômicos.

End: SCS Quadra 01, Bloco "L", nº 17, Ed. Márcia 13º andar

CEP: 70.307-900 Fone: (61) 3212-0200. Fax: (61) 3212 0216.

Email: protocoloinesc@inesc.org.br - Site: www.inesc.org.br

Conselho Diretor: Araluce Rojas Freitas, Eva Teresinha Silveira Faleiros, Fernando Oliveira Paulino, Jurema Pinto Werneck, Luiz Gonzaga de Araújo. **Colegiado de Gestão:** Atila Roque, Iara Pietricovsky de Oliveira, José Antônio Moreni. **Assessoria:** Alessandra Cardoso, Alexandre Cicconello, Cleomar Marilhas, Edêlcio Vigna, Eliana Magalhães, Lucídio Barbosa, Márcia Acioli, Ricardo Verhulst. **Assistente de Direção:** Ana Paula Soares Felipe. **Jornalistas:** Gisliene Heise e Raphael Gomes. **Assessoria administrativo-financeira:** Adalberto Vieira dos Santos, Eugênia Christina A. Santana, Isabela Mara dos S. da Silva, Ivone Maria da Silva Melo, Josemar Vieira dos Santos, Maria José de Moraes, Maria Lúcia Jaime, Miria Thereza B. Coaglio, Ricardo Santana da Silva, Rosa Diná G. Ferreira

Apoio institucional: ActionAid, Cotanda, Charles Stewart Mott Foundation, Christian Aid, Department for International Development - DFID, Evangelischer Entwicklungsdienst - EED, Fastenopfer, Fundação Avina, Fundação Ford, Instituto Heinrich Böll, International Budget Partnership - IBP, Kindemotbilfde - KNEI, Norwegian Church Aid, Oxfam, Oxfam Novib, União Europeia, Unicef, Unifem.

Agradecimentos

As parceiras: Kelly Kotlinski KK (AMB/DF), Lisandra Arantes (Centro Dandara de Promotoras Legais Populares), Maria Inês Barbosa (Ipea), Carlos Ely de Souto Abreu (à época na ANDI), Perla Ribeiro (Centro de Defesa da Criança e do Adolescente - DF)

Aos (às) colaboradores (as): Ana Paula Silveira (Aids-Ministério da Saúde), André Dusek (Jornalista Amigo da Criança), Marcelo Gonçalves de Lima (Ministério do Meio Ambiente), Márcia Guedes (Cedeca/DF), Márcio Satochiz (Cedeca/DF)

As crianças e adolescentes (fotografias e desenhos): Amanda da Cruz Amorim, Anderson Gilmar Moreni, Bruno Vieira Volpi, Catarina Cerri Lima de Souza e Silva, Daniele Rodrigues Ferreira, Dirceu Cesar Moreni, Érica Vasconcelos Peixe, Gabriely da Cruz Reis, Helena Marçal Ribeiro, Lúcio Piantino Bianchetti, Marcos Rodrigues Ferreira, Mariana Vieira Volpi, Osmar Torres de Melo, Sidnei Osmar Moreni, Silvano Carlos Moreni, Sofia Cerri Lima de Souza e Silva, Victória Lucy da Silva Melo, Vitória Machado Melo.

A Revista Descolad@s é uma publicação criada inteiramente – realmente tudo, do nome até a cor das páginas, dos textos à publicidade – por adolescentes: meninas e meninos que têm muita coisa para falar e querem divulgar para outros/as jovens do Brasil a discussão de direitos e participação juvenil. Tudo isso se mescla em um trabalho que aborda necessariamente o ORÇAMENTO PÚBLICO e os DIREITOS, tendo o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) como referência.

O ECA completa 20 anos em 2010. Este é mais um ano de celebração. Entretanto, não comemoramos 20 anos de uma lei, mas de uma mudança fundamental no pensamento das pessoas, que entendem agora (e somente depois de muita luta) a criança e o adolescente como sujeitos de direitos. O ECA fala em prioridade na formulação de políticas públicas e, portanto, no orçamento público – lei que trata de todas as despesas e dos investimentos dos governos municipais, estaduais e do federal.

Para nós, o orçamento não é uma peça burocrática cheia de números indecifráveis, mas uma ferramenta para se garantir direitos.

Entre as várias matérias da Revista Descolad@s, há uma sobre o que pensamos de educação de qualidade. Vimos que não adiantava falar de educação sem mencionar números: em uma abordagem diferenciada, levantamos dados e estatísticas orçamentárias que revelam como anda a educação pública do Distrito Federal (DF). É aí que o acompanhamento do orçamento se mostra muito importante: constatamos que, por exemplo, no ano de 2009, o Governo do Distrito Federal (GDF) investiu mais em propaganda do que em construção, reforma e manutenção física de unidades escolares, desde a educação infantil até o ensino médio. Essa pesquisa de dados aparece em várias matérias da revista: exploração sexual, racismo, meio ambiente, cultura, aids...

O mais lamentável (e grave) é que não há um item que trate exclusivamente do enfrentamento à exploração sexual. Para piorar, o GDF gastou mais com manutenção de área verde do que com preservação do Cerrado. O orçamento público possibilita medir a vontade política. Aqui no DF, infelizmente, as coisas não andam tão boas assim. Quando há um pouco de vontade, ela se converte em grandiosas obras de visibilidade pública. Onde ficam os direitos da juventude nisso tudo?

A Revista Descolad@s é, antes de tudo, um esforço de muitos(as) e uma grande vontade coletiva. É fruto de diálogo de vários jovens do DF e de outras unidades da Federação. É o resultado de muita conversa e questionamento! E, por tudo isso, não podemos nos esquecer de agradecer – com nossos mais sinceros votos de gratidão – à revista Viração, que foi a inspiração para nós. Agora, nos juntamos a esta grande rede de participação jovem e de divulgação da luta pelos direitos!

Já repetimos esta frase tantas vezes e a repetiremos sempre que for preciso: direitos nos são direitos. Não são privilégios ou regalias de poucos: são para todos(as) Indistintamente! Pensar direito é importante!

Car@s Leitor@s,

Em 2009, o Instituto de Estudos Socioeconômicos – Inesc completou 30 anos de luta pela democracia e pelos direitos humanos no Brasil, em diálogo com os movimentos sociais e com o Parlamento. Entre seus temas tradicionais estão os direitos das crianças e dos adolescentes, os direitos das populações indígenas, a reforma agrária, as desigualdades de raça/cor/etnia e de gênero, e justiça tributária.

Atualmente, o Inesc desenvolve uma metodologia de análise dos direitos humanos à luz do orçamento público. Outra forma inovadora de atuar é por meio do elo entre cultura e política. A ideia é agregar novos olhares e sensibilidades às mais variadas formas de pensar e fazer política.

Desde 2007, o Inesc trabalha diretamente com crianças e adolescentes na formação em direitos humanos, cidadania e orçamento público, com uma metodologia apoiada nos fundamentos da arte-educação e da educação popular. Os(as) adolescentes batizaram esta iniciativa como projeto Onda: Adolescentes em Movimento pelos Direitos.

A Revista Descolad@s é fruto de um longo trabalho pedagógico e foi inspirada na Revista Viração (SP), que generosamente nos apontou as principais trilhas a percorrer e foi presente em todo o processo.

O grupo da Revista Descolad@s agradece a toda a equipe do Inesc, que contribuiu de tantas maneiras para a sua realização; agradece aos professores e às professoras que se envolveram com o desafio; e às direções das escolas, que administraram uma nova situação com muito respeito e cuidado. A equipe da revista agradece especialmente às mães e aos pais, que tanto acreditaram e torceram pelo projeto.

Esta publicação só foi possível graças a inestimáveis parcerias. Agradecemos à Secretaria dos Direitos Humanos da Presidência da República - SDH/PR, à Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Criança e do Adolescente - SNPDCA e ao Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente que, junto com a Kinder Not Hilfe, possibilitaram a realização da Revista Descolad@s, fruto de um sonho coletivo.

Boa leitura!

Comente! Participe! Envie sua crítica ou sugestão para o endereço de e-mail: marcia@inesc.org.br

SUMÁRIO

4 DIREITOS EM MOVIMENTO

DIREITOS ENTRELACADOS

Você conhece os seus direitos? Olha que o ECA já tem 20 anos!

6 GIRO PELO BRASIL

Saiba o que adolescentes e jovens de todo o Brasil falam sobre seus direitos



ECA 20 anos!
AINDA QUE NÃO
MAIS ADOLESCENTE,
SEMPRE CRIANÇA E
ADOLESCENTE!

9 ARTIGO Direitos Esclarecidos

10 FALD MERRMO



12 LINK COM O CONGRESSO



16 AVANDO

"A minha escola não tem personagens,
a minha escola tem gente de verdade"

19 ENSAIO FOTOGRÁFICO ...SEM PALAVRAS

20 PONTOS DE ENCONTRO

CIDADE DAS CERCAS INVISÍVEIS

É duro admitir, mas o governo
acha que educação só se
consegue entre os muros da
escola

22 ACABEI O ENSINO MÉDIO. E AGORA?

Abismo da incerteza



24 RISADA

25 FALANDO DE POLÍTICA EI, PSIU, PRESTA ATENÇÃO! É ANO DE ELEIÇÃO

26 ENTREVISTA

O mundo é maior
do que o meu quarto

34 MUITO PRAZER

Várias formas de amar



36 PROSA E POESIA



*Gostava de falar bem
Palavras difíceis ou
mais além...*

38 DICAS CULTURAIS



39 ALMA DA CIDADE GANA RESPIRANDO CULTURA

40 MEIO AMBIENTE

FLORESTA DE CIMA PARA BAIXO



42 REPORTAGEM EM QUADRINHOS

*MUN DIA COMUM NA ESCOLA, A
POLÍCIA É CHAMADA. O HOMICÍDIO
VIOLÊNCIA NOS ARREDORES DO
COLÉGIO.*

44 MUDE DE CANAL FÁBRICA DE PRECONCEITOS



46 DIREITOS VIOLADOS DIREITOS CONQUISTADOS POR TRÁS DO SILÊNCIO



48 ESTILO

SE O MAIS BONITO
É SER ÚNICO, POR
QUE QUERER SER
IGUAL?

50 FOTONOVELA De isto ou aquilo



52 INTERNACIONAL

Juventude x guerra:
quem ganha e quem perde?

DIREITOS ENTRELACADOS

Você conhece os seus direitos?
Olha que o ECA já tem 20 anos!
Matheus Maia, Lourany Stefanie dos Anjos
Raissa Sampaio Santos e Pôo Picanço

MESMA CAUSA QUE VOCÊ FAÇA UM BLOG E PROCURE OUTROS AFINS

CHAME SEUS AMIGOS

VEJA E ENTENDA O QUE ESTÁ ACONTECENDO

Constituição Federal de 1988

Art. 227 - É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, violência e opressão.

Convenção sobre os Direitos da Criança DIREITO À CULTURA

Art. 17 - Os Estados Partes reconhecem a função importante desempenhada pelos meios de comunicação e zelarão para que a criança tenha acesso a informações e materiais procedentes de diversas fontes nacionais e internacionais, especialmente informações e materiais que visem a promover seu bem-estar social, espiritual e moral e sua saúde física e mental. Para tanto, os Estados Partes:

- incentivarão os meios de comunicação a difundir informações e materiais de interesse social e cultural para a criança, de acordo com o art. 29;
- promoverão a cooperação internacional na produção, no intercâmbio e na divulgação dessas informações e desses materiais procedentes de diversas fontes culturais, nacionais e internacionais;
- incentivarão a produção e difusão de livros para crianças;
- incentivarão os meios de comunicação no sentido de, particularmente, considerar as necessidades linguísticas da criança que pertença a um grupo minoritário ou que seja indígena;
- promoverão a elaboração de diretrizes apropriadas a fim de proteger a criança contra toda informação e material prejudiciais ao seu bem-estar, tendo em conta as disposições dos artigos 13 e 18.

ECA - DIREITO AO LAZER E À CULTURA

Art. 71 - A criança e o adolescente têm direito a informação, cultura, lazer, esportes, diversões, espetáculos e produtos e serviços que respeitem sua condição peculiar de pessoa em desenvolvimento.

Convenção sobre os Direitos da Criança DIREITO À VIDA

Art. 6 - Os Estados Partes reconhecem que toda criança tem o direito inerente à vida e assegurarão ao máximo a sobrevivência e o desenvolvimento da criança.

ECA - DIREITO À DIGNIDADE

Art. 18 - É dever de todos zelar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor.

Convenção sobre os Direitos da Criança DIREITOS ESPECIAIS PARA CRIANÇAS ESPECIAIS

Art. 23 - Os Estados Partes reconhecem que a criança portadora de deficiências físicas ou mentais deverá desfrutar de uma vida plena e decente em condições que garantam sua dignidade, favoreçam sua autonomia e facilitem sua participação ativa na comunidade. (...)

ECA - DIREITO À PROTEÇÃO

Art. 5 - Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais.

PROCURE OUTROS GRUPOS QUE LUTAM PELA

O ASSINADO

CENDO VÁ ÀS RUAS FAÇA PASSEATA CHAME A MÍDIA

DENUNCIE MOSTRE O ECA PARA SEUS AMIGOS NÃO FIQUE PARADO

Convenção sobre os Direitos da Criança
DIREITO À MANIFESTAÇÃO E À PARTICIPAÇÃO

Art. 12 - Os Estados Partes assegurarão à criança que estiver capacitada a formular seus próprios juízos o direito de expressar suas opiniões livremente sobre todos os assuntos relacionados com a criança. (...) Será proporcionado à criança, em particular, a oportunidade de ser ouvida em todo processo judicial ou administrativo que a afete, quer diretamente quer por intermédio de um representante ou órgão apropriado (...).

Art. 13 - A criança terá direito à liberdade de expressão. Esse direito incluirá a liberdade de procurar, receber e divulgar informações e ideias de todo tipo, independentemente de fronteiras, de forma oral, escrita ou impressa, por meio das artes ou por qualquer outro meio escolhido pela criança. (...)

Art. 15 - Os Estados Partes reconhecem os direitos da criança à liberdade de associação e à liberdade de realizar reuniões pacíficas. (...)

ECA - DIREITO À MELHOR EDUCAÇÃO

Art. 53 - A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando:

- I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
 - II - direito de ser respeitado por seus educadores;
 - III - direito de contestar critérios avaliativos, podendo recorrer às instâncias escolares superiores;
 - IV - direito de organização e participação em entidades estudantis;
 - V - acesso à escola pública e gratuita próxima de sua residência.
- Parágrafo único. É direito dos pais ou responsáveis ter ciência do processo pedagógico, bem como participar da definição das propostas educacionais.

ECA - DIREITO À FELICIDADE

O artigo 4º é muito parecido com um o que está na Constituição (art. 227), e acrescenta que crianças e adolescentes têm prioridade no que diz respeito à proteção e ao socorro, em quaisquer circunstâncias; ao atendimento nos serviços públicos; à formulação e à execução das políticas públicas; e à destinação privilegiada de recursos públicos nas áreas relacionadas com a proteção à infância e à juventude.

ECA - DIREITO À LIBERDADE

Art. 110 - Nenhum adolescente será privado de sua liberdade sem o devido processo legal.

ECA - DIREITO AO NÃO TRABALHO

Art. 60 - É proibido qualquer trabalho a menores de 16 anos de idade, salvo na condição de aprendiz a partir de 14 anos

Convenção sobre os Direitos da Criança
DIREITO À FAMÍLIA, CONSIDERANDO O INTERESSE MAIOR DA CRIANÇA

Art. 18

1. (...) Caberá aos pais ou, quando for o caso, aos representantes legais, a responsabilidade primordial pela educação e pelo desenvolvimento da criança. Sua preocupação fundamental visará ao interesse maior da criança.
2. (...) os Estados Partes prestarão assistência adequada aos pais e aos representantes legais para o desempenho de suas funções no que tange à educação da criança e assegurarão a criação de instituições, instalações e serviços para o cuidado das crianças.
3. Os Estados Partes adotarão todas as medidas apropriadas a fim de que as crianças cujos pais trabalhem tenham direito a beneficiar-se dos serviços de assistência social e creches a que fazem jus.

FAÇA UM ABRAÇO PROMOVA DEBATES SOBRE SEUS DIREITOS

PLANO DECENAL

Candidatos/as, nós também temos um plano!

É uma proposta de políticas e ações para a promoção, a proteção, a defesa e a garantia dos direitos de crianças e adolescentes por, no mínimo, dez anos. O plano tem cinco eixos:

- **Promoção dos direitos de crianças e adolescentes;**
- **Proteção e defesa dos direitos;**
- **Controle da efetivação dos direitos;**
- **Participação da criança e do adolescente;**
- **Gestão da Política Nacional dos Direitos Humanos de Crianças e Adolescentes.**

O plano é uma iniciativa do Conanda (Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente), em parceria com a Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República (SEDH/PR). É um documento que começou a ser elaborado em 2009, com base nas propostas das conferências municipais, estaduais, distrital, e culminou com a deliberação na conferência nacional sobre as diretrizes para a construção da política e do plano.

Segundo o Conanda, o plano será uma forma de pressionar os governos estaduais a garantir recursos em 2011, por meio dos Planos Plurianuais, assim como será uma forma de monitorar programas e ações dos governos. A proposta também será entregue aos(as) candidatos(as) à presidência, para que fiquem cientes do compromisso e se empenhem em sua realização, se eleitos(as).

ECA: ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE

O ECA completou 20 anos – foi criado em 13 de julho de 1990. Uma lei conquistada por meio de muita luta e uma grande mobilização de pessoas e organizações do país inteiro que queriam mudar a forma como Brasil lidava com os problemas sociais que tanto violentavam crianças e adolescentes, levando muitos à morte. Esta lei traz a ideia da Proteção Integral, que significa a proteção em todos os dias e em qualquer lugar. Mesmo que os problemas continuem existindo, hoje contamos com uma força importante para defender o direito de viver feliz e crescer com dignidade. Um grande desafio é que cada vez mais crianças e adolescentes conheçam seus direitos.

CONVENÇÃO SOBRE OS DIREITOS DA CRIANÇA

Trata-se de um pacto internacional da Organização das Nações Unidas (ONU) que propõe um patamar mínimo de direitos que devem ser garantidos pelos países que assinam o documento. É uma tentativa de definir o esforço mundial pela proteção da infância. Neste documento considera-se criança toda pessoa até 18 anos de idade. Tornou-se o instrumento de direitos humanos mais aceito no mundo e foi assinado por 192 países. Somente os Estados Unidos e a Somália não ratificaram a Convenção. Foi criada em 20 de novembro de 1989.

SISTEMA DE GARANTIA DE DIREITOS

O Sistema de Garantia de Direitos (SGD) é composto por organizações e instituições que devem se articular para assegurar a promoção e a defesa dos direitos de crianças e adolescentes com base nos seguintes eixos:

Promoção – refere-se às instituições responsáveis pelas políticas públicas que realizam os direitos, como escolas, hospitais e escolinhas de esporte.

Defesa – refere-se às instituições que “ficam de olho” para responsabilizar quem viola ou quem não cumpre sua parte na efetivação desses direitos, como as delegacias, o Ministério Público e o Conselho Tutelar.

Controle Social – refere-se às instituições ou às organizações que fiscalizam o poder público quanto à sua função de efetivar direitos. Aqui atuam, por exemplo, as organizações da sociedade civil, os fóruns e as frentes parlamentares.

Quem faz parte do SGD?

- **Família:** primeiro lugar onde a criança deve ser protegida e cuidada. A família também precisa de cuidados para poder acolher com condições dignas cada criança e adolescente.

- **Escolas, hospitais e centros de cultura:** fazem parte das políticas públicas de promoção de direitos.

- **CRAS (Centro de Referência de Assistência Social):** unidade pública de base municipal que presta serviços de proteção social básica às famílias e aos indivíduos.

- **Juizado da Infância e da Juventude:** composto por varas da Infância e Juventude que realizam estudos e pesquisas, acompanham o cumprimento das leis e das medidas de proteção, promovem o entrosamento dos serviços do juizado com os Conselhos Tutelares e acompanham a execução das medidas socioeducativas.

- **O Ministério Público:** órgão constitucional autônomo que tem a tarefa de cuidar da ordem jurídica, dos interesses sociais e individuais indisponíveis e do próprio regime democrático.

- **Defensoria Pública:** garante às pessoas o acesso à Justiça, ou seja, permite gratuidade dos serviços de um advogado especializado, que irá defender, perante a Justiça, os direitos daquelas pessoas que não têm condições financeiras.

- **O Conselho Tutelar:** órgão da comunidade que deve zelar pelos direitos, atuando diretamente onde a criança e o adolescente moram. Todo mundo tem livre acesso ao Conselho Tutelar.

- **Delegacia Especializada de Proteção à Criança e ao Adolescente:** repartição policial especializada para o atendimento ao adolescente.

- **Os Conselhos de políticas públicas (de direitos, de educação, de saúde, de assistência etc.):** órgãos públicos formados por pessoas representantes da sociedade civil e do governo. Os conselhos atuam com base no princípio de democracia participativa.

CEDECA (Centro de Defesa da Criança e do Adolescente): organização não-governamental de controle social e de acesso à justiça.

de olho no orçamento

Ação	Autorizado	Liquidado
14.421.0100.2767.7701 Manutenção e Funcionamento dos Conselhos Tutelares do DF.	700.000,00	357.718,28
14.421.3000.3304.6953 Implantação de Conselhos Tutelares em todas as regiões administrativas do DF	620.000,00	77.885,74

Fonte: Quadro de Detalhamento de Despesa referente à Lei Orçamentária Anual (LOA/2009) do Distrito Federal. Relatório emitido em 3/2/2010. Valores em R\$1,00.

GIRO PELO BRASIL

Adolescentes e jovens de todo o Brasil foram entrevistados por ocasião da VIII Conferência Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (Brasília/DF, 2009) e do encontro do Fórum Nacional da Criança e do Adolescente (Mendes/RJ, 2010). Eles e elas falaram um pouco sobre as principais dificuldades e os principais avanços na implementação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) em suas regiões de origem. Pegue carona neste ônibus.

Matheus Maia, Gabriella Dias dos Santos, Isabel Kelly Amorim, Eli Souza Pereira e Jorge Tawnan Leles



Bruna Rhayane de Souza Campos, 15 anos, Cacoal (RO)

O povo não denuncia as violações de direitos. O povo tem medo. Os problemas mais graves são a exploração sexual e o trabalho infantil. As indústrias e hidroelétricas têm atraído adolescentes, que saem para trabalhar e acabam abandonando os estudos. Para celebrar, temos adolescentes se preocupando com os próprios direitos, participando de conferências e conselhos.

Jonas dos Santos Silva,* 14 anos, Corumbá (MS)

Como o meu município faz fronteira com a Bolívia, temos muitos problemas com o tráfico de pessoas. Eles pegam as meninas e levam para a Bolívia. Também temos a violência física e psicológica contra crianças, exploração sexual... O que podemos considerar avanço é a participação do jovem na luta por seus direitos.

Ricardo Frasso de Lima, 14 anos, Guarajamirim (RO)

Existe um conjunto de direitos violados, principalmente com relação à educação e à segurança. A falta de uma educação de qualidade é um dos principais problemas. Alguns jovens não se interessam por política; outros, sim. Sem o apoio dos jovens, esses direitos demoram mais para que sejam efetivados. Na minha opinião, os direitos que estão sendo mais respeitados são os relativos ao esporte e ao lazer.



Frankeyla da Silva Serrão, 16 anos, Anamá (AM)

As crianças e os adolescentes não têm vez. Temos poucas chances de participação. A coisa boa é que os Conselhos Tutelares estão funcionando. As crianças estão sendo mais respeitadas pelos pais e estão saindo das ruas.



Guilherme Soares, 17 anos, Ceilândia (DF)

Os principais problemas são a violência policial contra adolescentes de periferia e a dificuldade de acesso à cultura e à educação de qualidade. Celebramos a produção de cultura de qualidade dos(as) jovens.

Lukas Kuchenbecker, 16 anos, Cariacica (ES)

O maior desafio para a implementação do ECA é o tráfico de drogas, além do envolvimento de alguns policiais com o crime organizado e a violência. Por outro lado, a participação do jovem nas conferências ajuda a efetivar o ECA.

Nalú Pacheco Alves, 17 anos, Goiânia (GO)

A violência policial e o abuso físico dos meninos são os problemas mais graves. O que comemoramos é o direito de participação em assembleias e o lazer.

Walquiria Privado Costa, 14 anos, São Luís (MA)

Faltam professores, e a infraestrutura das escolas é péssima. Não há chances iguais para todo mundo. Na área da saúde também é péssimo. A pessoa sai de casa às 4h da manhã, só retorna às 18h e, muitas vezes, sem conseguir marcar a consulta. O bom é o projeto Primeiro Emprego, que possibilita a geração de emprego para adolescentes.

Advânia da Silva Ribeiro, Manchineri, 17 anos, Porto Acre (AC)

Os brasileiros chegaram às aldeias provocando nossa curiosidade. Nós, índios, somos muito curiosos e saímos para conhecer o mundo. Os brancos muitas vezes são racistas com os índios. As mulheres saem para procurar por alguma coisa fora da aldeia e, como não têm com quem deixar as crianças, levam elas também. Acabam ficando nas ruas pedindo esmola. Os governos têm que prestar mais atenção nos povos indígenas. Os índios não têm que sair de seus locais de origem. As oportunidades e as políticas públicas têm que chegar às aldeias. As escolas têm que ensinar na sua língua. Perder a língua é o cúmulo para um povo! Queremos educação que respeite as etnias e as línguas dos povos. O ECA mexe com os direitos das crianças e dos adolescentes na cidade, mas ainda não contempla as crianças indígenas.



Jamile Rocha, 18 anos, Pindobacim (BA)

O bom é que há escola para todos, embora a qualidade não seja das melhores. Agora, os problemas são vários. O mais grave é o problema das crianças que vivem nas ruas, que não têm moradia. Há muito preconceito contra essas crianças que passam fome.



Thiago de Moraes Rodrigues, 17 anos, São João Del Rei (MG)

Falta lugar para as medidas socioeducativas. Assim, os adolescentes ficam presos com maiores de idade. Uma coisa que eu considero é o Programa Educacional de Resistência às Drogas, além dos cursos técnicos oferecidos pelo governo.

Fabiano Cruz,* 16 anos, Ibicoara, Chapada Diamantina (BA)

O nosso maior problema é a violência sexual e a pedofilia. Além disso, existe o medo, que é o nosso maior desafio. Os próprios pais têm medo de denunciar. O dinheiro atrai as crianças e os adolescentes. Os pedófilos oferecem sonhos que nunca acontecerão. Depois que o ECA foi feito, os Conselhos Tutelares foram criados e, de uma forma ou de outra, ajudam as pessoas. A denúncia foi mais motivada.

* Nomes fictícios para preservar as fontes.

GIRO PELO BRASIL





Thamires Caroline, 16 anos, Cururupe (MA)

Falta desenvolvimento, não apenas do município, mas do estado. Não existem Conselhos Tutelares onde eu vivo. Alguns municípios não tem CRAS. Existem pessoas que nem sabem o que é isso. O ECA trouxe tranquilidade com relação a família. Quando existem Conselhos Tutelares em determinado município, eles trabalham com força. Os Conselhos Tutelares estão atendendo comunidades indígenas, está atendendo a quem precisa deles.

Allan Francisco Oliveira Silva, 16 anos, Paulo Ramos (MA)

Os políticos não investem nos adolescentes e não nos levam a sério. Faltam investimentos, orçamento. Existem muitos problemas com drogas, e os políticos tratam os jovens como se fosse uma brincadeira. O que temos a celebrar é a presença de algumas Ongs que organizam os jovens em torno da luta pelos nossos direitos.

Alessandra Souza do Nascimento, 14 anos, Estância (SE)

Não estão sendo exercidos os direitos na minha região, como educação de qualidade, por exemplo. Pequena parte do ECA está fazendo a diferença, como o acolhimento das crianças que vivem nas ruas.



Raquel de Sousa Feitosa, 13 anos, Juazeiro do Norte (CE)

As principais dificuldades são a violência e o abuso sexual de crianças, o desrespeito e a violência de palavras. O abuso acontece porque a criança é "mais fácil de domar", de pegar e dominar. Mas o artigo 5º do ECA nos motiva à ação de ir atrás do que precisamos (veja a seção Direitos em Movimento).



Michel da Conceição de Souza, 16 anos, Rio de Janeiro (RJ)

O que mais acontece é a exploração de crianças vendendo balas nos sinais e atuando no tráfico de drogas, que fazem negócios com os meninos. Começam oferecendo um tênis de marca, roupa, mulheres e depois armas. Podemos comemorar alguma coisa na parte do esporte. O esporte está tirando adolescentes da rua.

Jasmin Oliveira Xavier,* 15 anos, Salvador (BA)

Você vê a exploração sexual infantil em vários bares. Muitas crianças ficam nos bares, que comercializam drogas e vendem bebidas alcoólicas para crianças. No Pelourinho e nos pontos turísticos, ficam à vista, sem fiscalização, sem policiamento. Nas escolas, as identidades indígenas e afrodescendentes não são respeitadas e existe muita homofobia. Parte pelos educadores, parte pelos alunos. Alunos e alunas homossexuais acabam sofrendo muita depressão e bullying.* O bom é a existência de ONGs com vários trabalhos diferentes, mas com o mesmo objetivo de proteger e acolher crianças e adolescentes, dando passagem para um novo mundo.



Uirapinã Pataxó, 14 anos, Santa Cruz de Cabrália (BA)

O nosso maior problema é a demarcação das nossas terras, que ainda não se fez. Sem espaço não tem como se oferecer os direitos. Agora, os jovens estão lutando mais pelos direitos, avaliando o que é bom.

Philippe Diogo Alves da Silva, 14 anos, Sete Lagoas (MG)

Em minha cidade existem muitas falhas, e as autoridades raramente ouvem crianças e adolescentes. Falta lazer, e as quadras de esportes, em sua maioria, das são depredadas. O que acho bom é que crianças e adolescentes estão tendo voz com o conhecimento do ECA.



Gustavo Marques, 17 anos, Jaraguá do Sul (SC)

O que falta é a articulação entre os poderes e maior participação. Se o ECA fosse levado à escola, essa articulação teria mais chances de acontecer. No nosso município, o que temos a comemorar é que ele tem um dos menores índices de violência. Apesar de não termos uma Defensoria Pública, os Conselhos Tutelares existem e são capacitados.



Renata Aparecida Bergamim, 14 anos, Bebedouro (SP)

As drogas são o principal fator de violação de direitos. Sei de alguns bairros que se uniram para fazer um mutirão onde ocorria tráfico de drogas. Acho que o país necessita de políticas públicas na área da saúde para enfrentar este problema. Tenho um colega que me incentiva a experimentar. Ele foi retirado da instituição, e isso me entristeceu bastante. Foi assim que percebi que nós, jovens, devemos lutar também. O lado bom é que, em Bebedouro, o índice de trabalho infantil diminuiu bastante, pois as escolas aderiram ao estudo do ECA.

* Nomes fictícios para preservar as fontes.

*Bullying: atos de violência física ou psicológica, intencionais e repetidos, praticados por um indivíduo (do inglês "bully" ou "valentão") ou um grupo, com o objetivo de intimidar ou agredir outros, por meio de humilhações, gozações e ofensas.



ECA 20 anos:



AINDA QUE NÃO MAIS ADOLESCENTE,

SEMPRE CRIANÇA E ADOLESCENTE!



Concepção Isabel Amorim

Direitos Esclarecidos

Ludmilla Rodrigues da Silva

Já se sentiu um peixinho fora d'água, sem noção de nada do que é dito na TV, nos jornais e em outros meios de comunicação? Era assim que eu me sentia até que comecei a participar das oficinas sobre Direitos Humanos na escola.* No início fiquei confusa, pois nem sabia o que significava a sigla ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), mas, depois de alguns encontros, me senti mais segura. O momento mais importante, porém, foi quando participei, no Congresso Nacional, do Seminário sobre os 20 anos da Convenção sobre os Direitos das Crianças.

Eu era uma das estudantes que ia falar nessa audiência. Ai me chamaram para a bancada, para junto dos parlamentares. Todos me receberam bem e de longe eu via o sorriso da coordenadora do projeto, quase dava para ouvir seu pensamento me dizendo: "Vai dar tudo certo, fique tranquila". Fácil seria se minhas pernas e meus braços parassem de tremer. O legal foi quando vi meu nome na plaquinha... Naquele instante, me achei "a" Ludmilla (risos).

Quando chegou a minha vez, falei com convicção: "Peço desculpas por qualquer erro, pois é a primeira vez que defendo meus direitos...". Começaram a bater palmas, e a tremedeira aumentava. Meu coração parecia um carro de fórmula 1, mas meus colegas continuavam lá para me apoiar. Falei tudo o que achava justo. Depois, concedi até entrevista para jornal, coisa que nunca tinha feito! Fim da história: naquele dia, me senti uma verdadeira cidadã.

E levo isso comigo para o meu dia-a-dia. Não basta saber quais são os direitos e os deveres, tem que colocá-los em prática. É como uma arma que usamos quando preciso, não para ferir alguém, mas para nos defender e não nos deixar ser enganados.

O ECA abrange tudo aquilo que meninas e meninos esperam de um Brasil justo, democrático e, especialmente, um Brasil

no qual meninas e meninos possam tornar sonhos de um presente injusto numa realidade de direitos cumpridos.

Algumas pessoas, por falta de conhecimento, pensam que o ECA só defende e protege os adolescentes, mas não é assim. O ECA fala de direitos e deveres. Outro dia, um colega, ao saber da história que o Congresso queria reduzir a idade penal, disse que era a favor porque "todo jovem tem consciência de suas atitudes". Até aí, tudo bem. Mas quem disse que o ECA não prevê sanções e responsabilização? Pois o jovem que comete um ato infracional vai contra a lei. Comecei a debater com ele sobre as consequências que isso traria. É como "rasgar" o ECA, anular os direitos e os deveres ali constituídos.

E me peguei pensando: será que se me falassem isso há dois anos eu teria a mesma opinião? Lógico que não. A coisa fica muito no senso comum e não se discute profundamente. Imaginem quantos jovens pensam assim e entregam seus direitos nas mãos de quem não os valorizam!

Devemos lembrar todos os dias que o ECA foi conquistado por meio de muita luta. E não vamos abrir mão de todos esses anos que levamos para conquistar nosso Estatuto, período no qual tantas crianças morreram antes mesmo de ver seus direitos concretizados. É por eles e elas que nos mantemos firmes em defesa de uma sociedade justa, sem desanimar.

Nossa juventude não espera somente palavras e promessas, nossa juventude espera ações. Temos o direito de ter direitos e de reivindicá-los quando for preciso.

Desconhecendo seus direitos, as crianças e os adolescentes perdem a possibilidade de ter uma infância e uma juventude mais dignas. Não queremos um futuro de direitos, mas sim um presente. Queremos melhor educação agora, saúde agora e direitos hoje.

* Projeto de oficinas sobre Direitos Humanos e Orçamento em escolas públicas do UF, desenvolvido pelo Inesc.

FORA ARRUDA! FORA ROVIZI
http://www.arruda.com

O ASFALTO DO
P-NORTE É
#%\$#@!# !
ELI, 18
LAGO OESTE

A PRESSÃO DO GOVERNADOR
PELUDA TEM MAIS COISA
QUE A MINHA CASA
RUIVELO
SOBRADO

OS PROFESSORES DEVEM
SE INFORMAR MAIS SOBRE
TODAS AS MATÉRIAS E NÃO
SÓ SOBRE A SUAI
MAD, 16
GAMA

HÁ UM ANO
ESPERO PARA
FAZER
RESSONÂNCIA
MAGNÉTICA NO
HOSPITAL
PÚBLICO. SE
DEPENDESSE
DISSO, JÁ
TINHA
MORRIDO!
KELFENNY, 17
LAGO OESTE

A @*#%2 DO PRESIDENTE
DO PROCESSO DE
IMPEACHMENT DO ARRUDA E
AMIGA PESSOAL DELE!
ARTUR, 18
GAMA

A pressão da
família e a falta
de compromisso
da escola
pública
atrapalham
muuuuito nossa
vida!!!
Mad, 16
Gama

POR QUE O ESTEREÓTIPO
DO ADOLESCENTE É
SER O FUTURO? O
FUTURO NUNCA
CHEGARÁ QUANTO MAIS
SE CORRE ATRÁS DELE,
MAIS ELESS AFASTA.
SE LIQUE NO PRESENTE!
LUANA 18
PLANALTINA

POR QUE FALTA TANTO
PROFESSOR NA REDE PÚBLICA? E
FALTA DE INVESTIMENTO OU
DESVIO DE DINHEIRO?
ELI, 18
LAGO OESTE

FA

CONSEGUIR MEDICAÇÃO PARA HIV/AIDS
É MUITO BUCROCRÁTICO! O
PACIENTE TEM QUE PASSAR POR
MUITAS ETAPAS. É MUITO
DIFÍCIL!!!
PAULO, 17, PLANALTINA

LO MERRRRMO!!!

porque ninguém é baú para ficar guardando as coisas

O TRANSPORTE
COLETIVO BRASILENSE
É UM ESCULACHO!!!!
ISABEL, 19
BRASILIA

POR QUE NO SHOPPING IGUATEMI
DO LAGO NORTE, A PROPAGANDA É
"PARA Atingir o PÚBICO DO LAGO,
ASA NORTE E SOPRADIMHO", E NÃO
O PESSOAL DO VARJÃO (QUE É ALI
DO LADO), O PESSOAL DE
PLANALTIMA E OUTRAS CIDADES?
POBRE TÁ FORA, NÉ?
MATHEUS, 19
PLANALTIMA

OS ÔNIUS NUNCA CUMPREM SEUS
HORÁRIOS!!! A PIOR COISA DO MUNDO
EM BRASILIA É PESAR ÔNIUS NO FINAL
DE SEMANA!
PEDRO, 18, BRASILIA

CIDADÃO QUE É
CIDADÃO NÃO ESQUECE
EM QUEM VOTOU!! É... HÃ...
AMNÉSIA POLÍTICA? QUÊ?
ISABEL, 19, BRASILIA

SÓ EXISTE UMA
ESCOLA DE
ENSINO
INFANTIL NO
LAGO OESTE!!
FALTAM
CRECHES E
ESCOLAS, ISSO
É MUITO ADEQUADO
TANTO PARA A
CRIANÇA
QUANTO PARA
A FAMÍLIA.
GABRIELA, 17
LAGO OESTE

O GDF DESVIA DINHEIRO
PÚBLICO ENQUANTO A
POPULAÇÃO MORRE!!! MORRE
DE FOME, MORRE DOENTE,
MORRE PARADA ESPERANDO
O ÔNIBUS, MORRE DE
IGNORÂNCIA!!!
ISABEL, 19
BRASILIA

Governo mexarrosa, o Atuda
fala na mídia que a cidade
estrutural está toda asfaltada,
eu moro lá e a minha rua
não é asfaltada.
Raquel, 21 anos, Estrutural

EM 2010 COMPLETARAM SE
AFEGICANA DE OCUPAÇÃO SE
PUTZ, MINHA ESTÃO
ARTUR, 18
GAMA

QUEM NÉ VISTO
NÉ LEMBRADO!

A política pode ser legal ou não, mas influencia sua vida

Gabriella Dias dos Santos

Somos adolescentes brasileiros, cidadãos e cidadãs, mas muitas vezes não conhecemos as leis que nos defendem e quem luta a favor delas. Outras vezes, sabemos da existência destas e simplesmente não nos importamos, pois achamos um tema chato e sem graça, por falta de entendimento dos assuntos. A política pode ser algo legal ou não, mas influencia diretamente a sua vida.

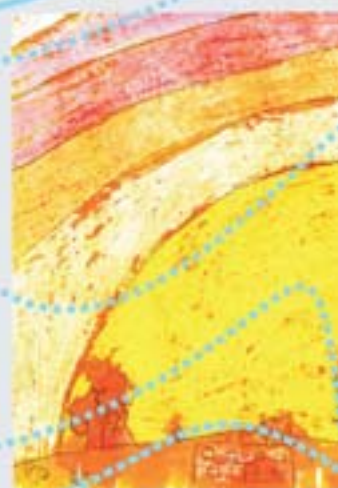
O Brasil é um país republicano federativo presidencialista, que está organizado em três poderes: o Executivo administra o país; o Legislativo cria as leis; o Judiciário aplica as leis e pune aqueles que

serão aplicadas aos adolescentes a partir dessa idade, como detenção em presídio comum. Atualmente, a PEC está sendo discutida no Plenário do Senado e aguarda votação, mas já foi aprovada na Comissão de Constituição e Justiça do Senado (11).

Por que querem reduzir a idade penal?

De acordo com a justificativa de Arruda, 18 anos é um critério puramente biológico, e os adolescentes têm consciência do que estão fazendo.

Não é aí que está o problema. Geralmente, aqueles(as) que se envolveram em atos infracionais são pessoas que



as descumprem. O mais importante, porém, é saber que podemos influenciar as decisões políticas que nos atingem.

O Poder Legislativo é composto pela Câmara dos Deputados e pelo Senado Federal, que, juntos, formam o Congresso Nacional. Muitos projetos que nos afetam diretamente passam por ele. Um deles é a PEC (Proposta de Emenda à Constituição) nº 20 de 1999, de autoria do então senador José Roberto Arruda (lá vem ele de novo!). A proposta de emenda reduz de 18 para 16 anos a maioria penal, alterando o artigo 228 da Constituição Federal.

Isso significa que as mesmas punições dos adultos

tiveram muitos dos seus direitos violados antes de cometer o ato.

As medidas a serem aplicadas deveriam ter como princípio a educação como meio para reformular a relação de cada adolescente com a sociedade e com a própria vida.

É isso que está na Constituição e no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) – lei que só foi possível graças à luta de milhares de pessoas. Entre elas, muitos profissionais das áreas de psicologia, sociologia, pedagogia, antropologia e do direito, que debateram tudo o que era possível para ajudar a resolver a questão da violência praticada por meninos e meninas com menos de 18 anos.

Esse conjunto de pessoas, que se reuniu para a formulação da lei, considerou que crianças e adolescentes têm

uma situação peculiar de desenvolvimento e, por isso, podem, por meio da educação, rever sua postura, aprender uma profissão, voltar para a escola e encontrar outro lugar na sociedade. Se isso não acontece, o erro está no poder público e na sociedade, que mantém ideias conservadoras.

O ECA prevê seis medidas socioeducativas – e cinco delas antecedem a privação de liberdade: 1) advertência; 2) reparação do dano; 3) prestação de serviços à comunidade; 4) liberdade assistida; 5) semiliberdade; 6) internação em estabelecimento educacional.

Segundo a senadora Fátima Cleide, coordenadora da Frente Parlamentar pelos Direitos da Criança e Adolescente – uma articulação que reúne deputados e senadores –, a redução da idade penal “é uma saída fácil para uma sociedade que exige respostas imediatas, mas isso não resolve nada”.

Falar que os adolescentes maiores de 16 anos não podem

das audiências públicas ou enviando sugestões e críticas ao site do Senado (www.senado.gov.br), pelo Ato Senado (ligação gratuita para o número 0800 612 211) e para a Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa (61 3311-4251 e 3311-2005). No site (www.camara.gov.br), da Câmara dos Deputados, escolha a opção no menu “Participe” ou ligue gratuitamente (0800 619 619).

Pelo site (www.criancanoparlamento.org.br), do Projeto Criança e Adolescente: Prioridade no Parlamento do Inesc, em parceria com o Unicef e o Conanda, podemos acompanhar as leis em tramitação e ter contato com a opinião de outras pessoas sobre os temas na pauta do Congresso Nacional. Além disso, podemos ainda discutir assuntos de nosso interesse no blog.



ser responsabilizados por seus atos infracionais é errado, pois eles devem rever o que fizeram (e o ECA prevê isso), mas não da forma que Arruda propôs. Essa PEC piora ainda mais as coisas, porque provocaria uma desestruturação no psicológico desses(as) adolescentes, deixando-os(as) sem perspectivas. Afinal, as punições recebidas dentro de uma cadeia ou um presídio, além de não serem eficientes, colocariam adolescentes na convivência com adultos mais experientes no mundo do crime e da violência.

Como participar?

Nós podemos participar direta ou indiretamente e intervir em propostas de leis como essas participando

de **elhe** no orçamento

Ação	Autorizado	Liquidado
14.421.1506.6194.7886 Atendimento ao adolescente com medida de liberdade assistida	150.000,00	122.193,47
14.421.1506.5139.0001 Manutenção e Ampliação de Unidades do Sistema Socioeducativo	200.000,00	0
14.243.1506.6200.3462 Atendimento ao adolescente com medida de internação - Caje II - OCA	14.876.000,00	14.892.583,02
14.243.1506.6200.3461 Atendimento ao adolescente em internação provisória - Caje I - OCA	12.094.000,00	11.877.946,38
14.243.1506.6200.3460 Atendimento ao adolescente com medida de semiliberdade - OCA	910.000,00	706.067,37

Fonte: Quadro de Detalhamento de Despesa referente à Lei Orçamentária Anual (LOA/2009) do Distrito Federal Relatório emitido em 3/2/2010. Valores em R\$1,00.

'A minha escola não tem personagem, a minha escola tem gente de verdade'*

Isabel Kelly Amorim



Oficina sobre Direitos no Ceap

Tão vivos e verdadeiros quanto as pessoas são os problemas que a minha escola (e a de muita gente) tem. O maior deles é... nem sei qual, são tantos!!!

Trrrrimm!!!!

* Trecho da música "Vamos fazer um filme", de Renato Russo

É hora de acordar. Lá vou eu de novo, estudante secundarista feliz por ter passado viva pelo Ensino Fundamental. Minha escola fica a uma distância de 3 mil anos-luz da minha casa, e eu - sem poder de teletransporte - pego dois ônibus pra chegar. Não seria mais fácil ter uma escola perto da minha casa? É. Nem tudo é tão fácil assim.

Num dia desses, no meu primeiro ônibus da manhã, pensei sobre as coisas da vida. Sobre a minha vida e a de tantas outras pessoas. E assim pensei: é tudo tão diferente quando a gente sabe das coisas! Pena que nem sempre a gente sabe. Quando eu era criança, eu não sabia o que existia do lado de lá do muro da escola, agora eu sei que é só um terreno baldio, que deveria fazer parte do lado de dentro do muro da escola (num sentido filosófico). Quando a gente não sabe das coisas, a gente sempre pensa que elas não existem ou que um dia hão de acabar com a gente. Assim como ETs: ou eles não existem ou estão nos observando neste exato momento. Por isso, vou falar um pouco mais baixo...

É, minha parada chegou.

Entro na escola e ninguém me vê. Será que sou invisível como os meninos e as meninas que moram na rua? Acho que não. Acho que nessas horas eles são mais visíveis entrando na escola do que eu. Mas... eles entram na escola?

1º horário: aula de artes (infelizmente, para mim, sem professor).

2º horário: aula de química (seria aula prática, mas sem laboratórios fica meio impossível).

3º horário: aula de português (não temos livro e não existe biblioteca. Posso dizer uma coisa? Às vezes, eu acho que nem sei ler...).

Recreio!!!

Olha que existe gente que insiste em chamar recreio de intervalo, só porque a gente cresceu. Mas pra mim vai ser sempre recreio. No fundo, a criança que existe dentro da gente nunca deixa de existir... e nunca deixa de querer merenda na hora do recreio... Nhac... Nhac...
4º horário: aula de educação física (passei todo o horário jogando dama. É que a gente não tem quadra de esporte e nem material. Uff, que bom que pelo menos a gente tem um professor. E, no fundo, eu gosto de damas e cavalheiros).

5º e 6º horários: reunião de pais e mestres (onde estão os pais? E os mestres? E os profissionais da educação? E o tal do projeto político-pedagógico? Ele é real ou só está no papel? Por falar nisso, cadê o papel?).

Enquanto voltava pra casa, pensei na frase que nasceu das minhas ideias: "a educação é prioridade". Sim, pra quem? Pros meninos que passam drogas pelo muro da escola? Os que pulam o muro da escola? Pra aqueles que estudam em escolas sem muros, sem paredes? Pra aqueles que já estudaram e não querem deixar a gente estudar? Pros meus amigos imaginários? Pra quem? Pra quê? Isso é prioridade ou é precariedade? É preciso. Mas não tão exato assim.

A escola que queremos, antes de tudo, tem que existir na ideia da gente e tem que ser real. Hoje, a escola, antes de ser escola, é um monte de linhas e palavras bonitas lá na Constituição e no nosso Estatuto (ECA). Existem até alguns artigos destinados só a ela (Constituição: artigos de 205 a 214; e no ECA: artigos de 53 a 58). Nossa, é muita coisa, né? Mas... Isso parece tão teórico...



Centro Educacional 4 do Guará



Oficina de comunicação no Guará

Cavando os números

Pedro Henrique Couto Torres

Definitivamente, a prioridade política do Governo do Distrito Federal (GDF), em 2009, não foi a educação. Não é uma impressão: os números mostram isso claramente. O GDF investiu mais em propaganda do que em construção, reforma e manutenção física de unidades escolares (programa "Escola de Todos Nós"), desde o ensino infantil até o médio.

No ano passado, na Lei Orçamentária Anual (LOA) – que é a lei que diz respeito aos gastos e aos investimentos de um governo no período de um ano –, o que se gastou no programa "Escola de Todos Nós" compreende o montante de R\$ 63.655.098,90. Uma quantia aparentemente considerável: quase R\$ 64 milhões foram, de fato, investidos no que se refere à estrutura física de escolas em geral. Entretanto, ao compararmos o gasto liquidado com a propaganda do GDF, vemos que o valor destinado às escolas não foi significativo. Os valores de propaganda beiram R\$ 120 milhões; a propaganda institucional teve gastos de R\$ 80.549.383,36; a promoção de atividades de comunicação social, R\$ 9.160.851,39; e de utilidade pública, R\$ 30.536.279,08.

Voltando à educação, de 45 itens da LOA 2009 que tratavam da construção, reforma ou manutenção física de unidades escolares, cantinas e bibliotecas, 28 não tiveram um centavo para a devida concretização das propostas orçamentárias. A educação não é mesmo prioridade no Distrito Federal. Quando um governo se preocupa mais em divulgar seu trabalho do que, efetivamente, trabalhar, temos um verdadeiro problema. Mostrar o que se faz não é fazer.

Programa 0164 – Escola de Todos Nós (responsável pela reforma, construção e manutenção física das unidades escolares do ensino básico):

Autorizados: R\$ 79.671.178,00

Liquidados: R\$ 63.655.098,90

E eu estava pensando teoricamente – não era um pensamento "pegável" – que o melhor jeito de se comparar as coisas incomparáveis é na forma de números. Às vezes, eles me assustam muito e, outras tantas, não entendo o que eles querem me dizer, mas dessa vez eu entendi. Sinto que não queria entender porque as coisas nuas, às vezes, não são tão boas quanto as pessoas nuas.

Triiiiiimm!!!!

Já é hora de ir pra escola de novo (é incrível como no texto o tempo passa rápido quando a gente quer).

Sabe, na minha escola também tem um monte de coisa legal que, às vezes, a gente não enxerga, mas elas estão lá. Tem um monte de gente que desenha pra caramba, tem também aqueles que dançam de tudo. Mas sabe o que mais tem na minha escola? Criatividade!

A gente transforma coisa velha em nova, árvore em ponto de encontro, praça abandonada em pista de skate e porta caída em mesa de pingue-pongue. O povo da minha escola é o máximo!

Tem gente que é um pouco violenta, eu sei. Mas é porque aqui na escola sobra e falta um monte de coisa e de gente. Sobra aluno nas poucas e pequeninas salas de aula, sobra intolerância às diferenças. Falta segurança pra todo mundo, o que faz as gangues se formarem (assim como se formam as estrelas cadentes no céu, a gente sabe que elas existem, mas só aparecem quando pegam fogo). Falta acompanhamento dos pais dentro da escola (será que eles acham que, só porque a gente passou da 8ª série, a gente não precisa mais deles? Esses pais... Ainda dizem que sabem das coisas... No fundo, é todo mundo criança!!). Faltam acompanhamento psicopedagógico, diálogo, profissionais para mediar conflitos; faltam projetos que motivem a união dos(as) alunos(as) para fazer alguma coisa que seja importante para todo mundo; faltam opções de atividades de

cultura e artes e... e... Já nem sei mais verbalizar. O que falta realmente é o direito à educação de qualidade, pronto, falei!

Se existe direito, isso quer dizer que existe esquerdo também? Acho que não. Acho só que as coisas não vão bem direito como deveriam, é isso.

Não era pra existir equidade no direito à educação de qualidade? Ah, deixa eu explicar, equidade não é o mesmo que igualdade, mas a igualdade está dentro da equidade. Equidade é respeitar a igualdade de direitos, porque, apesar de sermos "iguais", somos bem diferentes.

Mas como ter equidade se eu moro a 3 mil anos-luz da minha escola, não tenho professor de artes, não tenho livro na biblioteca, não tenho quadra de esportes e o meu amigo, que conheci na internet, tem uma escola perto de casa, tem cadeira boa dentro da sala, tem professor de coisas que eu nem sabia que se aprendia na escola e tem até projeto cultural? E ele nem mora em outro planeta, moramos na mesma cidade.

Sabe, às vezes, penso que ele pode sonhar e eu não. É que o sonho dele tem mais chances de virar verdade do que o meu, a não ser que o meu sonho seja ficar longe da universidade. Nessas horas, acordo do sonho que nem tive e vejo que as coisas mudam e passam, assim como eu. Eu? Eu tenho responsabilidade em intervir nessas coisas que não estão direitas. Quero um presente com o direito de sonhar, com tantas faces quanto um caleidoscópio. Quero correr, voar e usufruir dos fluidos dessa mudança dos tempos.

"A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparando para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-lhes:

I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II - direito de ser respeitado por seus educadores;

III - direito de contestar critérios avaliativos, podendo recorrer às instâncias escolares superiores;

IV - direito de organização e participação em entidades estudantis;

V - acesso à escola pública e gratuita próxima de sua residência".
(Artigo 53 do ECA)

Participar não é só tomar partido das coisas. É a possibilidade de dividir pensamentos e decisões que dizem respeito a todos, é expressar a própria opinião e ser livre.



Centro Educacional 4 do Guara

Laboratórios fechados

Anne Nogueira, Kaymmy Moraes e Paulo Ricardo Peres, estudantes do Centro Educacional da Asa Norte (Ceas)

"Assim que chegamos ao colégio, nos deparamos com vários problemas. Entre eles, o fechamento dos laboratórios de química, física, biologia e informática. A Secretaria de Educação retirou os professores dos laboratórios e os encaminhou para a sala de aula, afirmando que esses professores estavam fazendo falta em outras instituições. O motivo do fechamento não era apenas a falta de professores em sala, porque havia problemas administrativos, como falta de verba. Agora, nós, alunos e alunas, precisamos que os laboratórios sejam abertos para nosso melhor aprendizado e a efetivação do nosso direito à educação de qualidade. Como diz o ditado: 'Melhor na prática do que na teoria'".



Estudantes do Ceas protestam contra o fechamento dos laboratórios

Adolescentes conquistam R\$ 2 milhões para escolas do Distrito Federal

Raquel Ferreira

No final de 2008, participamos de uma audiência pública na Câmara Legislativa do Distrito Federal sobre o orçamento para educação no ano seguinte.

No Quadro de Detalhamento da Despesa do GDF (2008), descobrimos que estavam previstos R\$ 2 milhões para a reforma do Centro Educacional (CED) 4 do Guará, mas esse dinheiro não foi aplicado na escola. Sabíamos que, se ninguém manifestasse a real necessidade da escola – o teto ameaçava desabar de verdade! –, o recurso não chegaria nunca. No caso do Centro Educacional da Asa Norte (Cean), havia R\$ 100 mil para a construção de um auditório, que também não aconteceu.

Para muitos(as) de nós, foi a primeira vez que tivemos a chance de ir a uma audiência para lutar por algo que era nosso por direito. De cara, tivemos uma grande decepção porque fomos debater com um deputado, mas só os assessores estavam presentes. Ficou bem nítido que nossos governantes não priorizam a educação. Era a nossa hora de cobrar e, um a um, deixamos o nosso recado.

Poti Picanço, aluno do Cean, insistiu que a construção do auditório voltasse a constar no orçamento para 2009. "É importante que o crédito do auditório seja inserido novamente no orçamento e que haja execução".

Jorge Tawnan cobrou, além do auditório, outras medidas para o Cean: funcionamento de todos os laboratórios, cobertura da quadra e aulas de todas as artes, não só as plásticas.

"As áreas de esporte e cultura não estão contempladas devidamente na proposta de orçamento para 2009. O Estatuto da Criança e do Adolescente não está sendo cumprido", defendi.

Ao final, apresentamos uma sugestão de emenda parlamentar no valor de R\$ 2 milhões, que mais tarde foi aprovada. Não era uma emenda só para reforma da minha escola (CED 4), porque acabou sendo para todas as escolas públicas do Distrito Federal. Mas foi uma grande conquista! E o melhor foi descobrir que a comunidade organizada e informada consegue alcançar os seus direitos.



Aline Maia em audiência no Ministério Público/2009



Discussão do Orçamento da educação de 2009 na Câmara Legislativa do DF



Pedro Couto na audiência pública na Câmara Legislativa/DF para a análise do OCA (Orçamento Criança Adolescência) de 2008

de olho no orçamento

Órgão	Região Administrativa	Programa de Trabalho	Valor Autorizado	Liquidado	
11000 - Secretaria do Estado do Governo	Região Administrativa IV Brasília	12.361.0164.3276.8465 - (EP) - Construção e reforma e cobertura de quadras poliesportivas nas escolas do Inra II e Brasília	150.000	0	
	Região Administrativa XI Samambaia	12.361.0164.3276.8464 - (EP) - Construção de quadra poliesportiva e parque infantil de madeira na Escola Classe 303	100.000	0	
		12.361.0164.5924.8589 - Construção definitiva da Escola Classe 303	60.000	0	
18000 - Secretaria do Estado de Educação	Distrito Federal	12.361.0164.3276.0031 - Reforma geral e ampliação de unidades do ensino fundamental da rede pública	2.214.305	1.437.300,82	
		12.361.0164.3276.7807 - Reforma e ampliação de unidades do ensino fundamental e revitalização de quadras poliesportivas	196.051	0	
		12.361.0164.3276.8463 - Reforma da Escola Meninos e Meninas do Parque	100.000	0	
		12.361.0164.5924.0001 - Construção de unidades do ensino fundamental da rede pública	31.803.916	28.577.882,98	
		12.362.0164.1888.0001 - Reforma e ampliação de unidades do ensino médio da rede pública	870.919	227.394,43	
		12.362.0164.1888.8177 - Reforma e ampliação de cantinas para implantação da alimentação escolar para alunos do ensino médio (Lei Nº 4.121/08)	500.000	0	
		12.365.0164.3271.0019 - Construção de unidades de educação infantil da rede pública	3.624.382	850.983,74	
		12.367.0164.3273.0001 - Reforma e ampliação de unidades de ensino de educação especial da rede pública	409.945	256.256,38	
		12.367.0164.3273.3338 - (EP) - Adaptação da piscina do Centro Integrado de Educação Especial com aquecimento e cobertura	600.000	0	
		12.367.0164.3273.3339 - (EP) - Reforma da Escola Classe 302 Norte	865.000	0	
	Região Administrativa II Gama	Região Administrativa II Gama	12.361.0164.3276.7804 - Reforma geral do Centro de Ensino Fundamental 1	150.000	0
			12.362.0164.3272.8449 - Construção de Biblioteca Pública no Cem 02 e quadra de esportes do Centro Educacional 06	150.000	0
			12.362.0164.5073.8536 - Reforma do Centro de Ensino Médio Nº 2	150.000	0
			12.362.0164.5132.8542 - Reforma do Centro de Ensino Médio nº 1	150.000	0
	Região Administrativa IV Brasília	Região Administrativa IV Brasília	12.361.0164.3276.8456 - Construção de quadra poliesportiva da Escola Classe Nº 8 do Setor Veredas	50.000	0
			12.361.0164.3276.8459 - Reforma do CILC de Ceilândia Sul, do Ced 07 de Ceilândia Norte, construção de quadra de esportes da EC 31 do Setor O	150.000	0
	Região Administrativa IX Ceilândia	Região Administrativa IX Ceilândia	12.361.0164.3276.8460 - Construção de biblioteca no Centro de Ensino Fundamental N 30	100.000	0
			12.362.0164.1888.8176 - Recuperação da área de educação física do Centro de Ensino Médio Nº 7	100.000	0
			12.362.0164.3272.8451 - Construção do Centro de Ensino Médio, na QND 16/17, Exp. do Setor O	100.000	0
			12.362.0164.3272.8452 - Construção de auditório na CEM 10 do Setor P. Sul, construção de salas de Música, reforma das quadras de esporte e da pista de atletismo do CEM de Ceilândia Sul, na EC 03 em Ceilândia Norte e Centro de Vivência Sócioambiental do CEM 04	500.000	0
Região Administrativa VI Planaltina	Região Administrativa VI Planaltina	12.362.0164.3272.8450 - Construção de centro de ensino médio no Buriti IV e Anapoanga	200.000	0	
Região Administrativa XI Cruzeiro	Região Administrativa XI Cruzeiro	12.361.0164.3276.8461 - Cobertura de quadras poliesportivas do Centro Educacional 2	150.000	0	
Região Administrativa XI Samambaia	Região Administrativa XI Samambaia	12.367.0164.3273.3341 - (EP) Cobertura e colocação de alambrado da quadra de esportes do Centro de Ensino Especial Nº 1	400.000	0	
Região Administrativa XV Rocas das Emas	Região Administrativa XV Rocas das Emas	12.361.0164.3276.3686 - Reconstrução da Escola Classe 401	200.000	0	
		12.361.0164.3276.3683 - Reconstrução do Centro de Ensino Fundamental 510	200.000	0	
		12.362.0164.3272.8453 - Construção do Centro de Ensino de Casa Grande	30.000	0	
Total			44.465.018	31.351.828,35	

Fonte: www.contasabertas.com. Como a tabela do Contas Abertas era até o liquidado de dezembro, foi atualizada com o GDO da LOA/2009 de 03/02/10.



Francisco Emanuel Costa

...SEM PALAVRAS



Adriana Souza Bezerra

CIDADE DAS CERCAS INVISÍVEIS

Aline Maia Nascimento

Movimentar-se livremente pela cidade, indo para todos os lugares que quiser, a qualquer hora, sem se preocupar com qual caminho escolher, usando o transporte coletivo que desejar quantas vezes achar necessário. Isso é algo possível para você?

Lembro que, quando participava de uma manifestação em defesa do passe livre estudantil, escutei alguém gritar: "por uma vida sem catracas!". No exato instante, passou pela minha mente a imagem de diversas pessoas de diferentes lugares, classes, raças e estilos entrando em ônibus que não tinham catracas. Elas simplesmente entravam e iam para onde quisessem e quando quisessem. Isso não seria fantástico?

No ano passado, o Movimento Passe Livre (MPL) realizou diversas manifestações para pressionar o governo a aprovar a Lei do Passe Livre no Distrito Federal. Embora a Lei nº 1.502/09 não atenda a diversos pontos do projeto inicial do MPL, é um pequeno avanço nessa longa caminhada. A Lei do Passe Livre Estudantil (que de livre só tem o nome) limita o uso de determinadas linhas e permite um número máximo 54 passagens por mês no percurso casa-escola e vice-versa. Assim, a pessoa perde o direito de usá-lo para outra atividade. É duro admitir, mas o governo acha que educação só se consegue entre os muros da escola.

Parafraseando Clarice Lispector: "Liberdade é pouco!". O que o MPL quer já tem nome: ¹ TARIFA ZERO para todos(as). O que não quer dizer que o ônibus seja gratuito, pois pegar ônibus tem um custo, mas não o pago pela tarifa, e sim pelos impostos. Significa que o sistema de transporte coletivo deixaria de ser um "negócio" privado para ser assumido pelo Estado, garantindo o acesso universal ao serviço.

A busca pela reestruturação do transporte coletivo para que se transforme realmente em transporte público representa, acima de tudo, uma luta a favor da ocupação da cidade, permitindo o acesso a tudo o que a cidade pode oferecer. De que valem tantos parquinhos, áreas verdes, museus, teatros e monumentos lindíssimos se há uma cerca invisível que os separa da população?

Segundo integrantes do MPL, "o passe livre estudantil antigamente parecia loucura para muitos, hoje já não é". Outras cidades também conquistaram o passe livre estudantil, como Rio de Janeiro, Florianópolis e Cuiabá.

"Fique livre para passar e ultrapasse o passe livre", proclamam os catraqueiros² brasileiros. A luta agora é para ter o passe livre para todos(as).

¹ "Liberdade é pouco. O que eu desejo ainda não tem nome" (Clarice Lispector).

² Catraqueiros: pessoas que se recusam a pagar a passagem de ônibus e pulam a catraca.

Movimento Passe Livre

O MPL é formado por adolescentes, jovens, estudantes secundaristas, universitários e trabalhadores de todas as idades. Em Brasília, o movimento começou a aluar em 2004. O MPL também está organizado nos seguintes locais: ABC paulista (SP), Aracaju (SE), Blumenau (SC), Brasília (DF), Campinas (SP), Curitiba (PR), Florianópolis (SC), Fortaleza (CE), Goiânia (GO), Guarulhos (SP), Joinville (SC), Mogi das Cruzes (SP), Natal (RN), Porto Alegre (RS), Recife (PE), Rio Branco (AC), Rio de Janeiro (RJ), Salvador (BA), Santos (SP) e São Paulo (SP). Apesar de lutarem pelas mesmas causas, cada coletivo possui autonomia de atuação.

Os princípios do MPL são:

Apartidarismo: O movimento não segue orientação partidária nem é apoiado por partido político. Dentro do movimento pode haver militantes de partidos, mas desde que os mesmos saibam diferenciar esses dois espaços.

Autonomia e independência: Toda e qualquer decisão tomada pelo movimento é coletiva, por quem participa do movimento. Não tem interferência de entidades, organizações ou partidos. Não dependem de financiamentos oriundos de organizações que exigem contrapartidas.

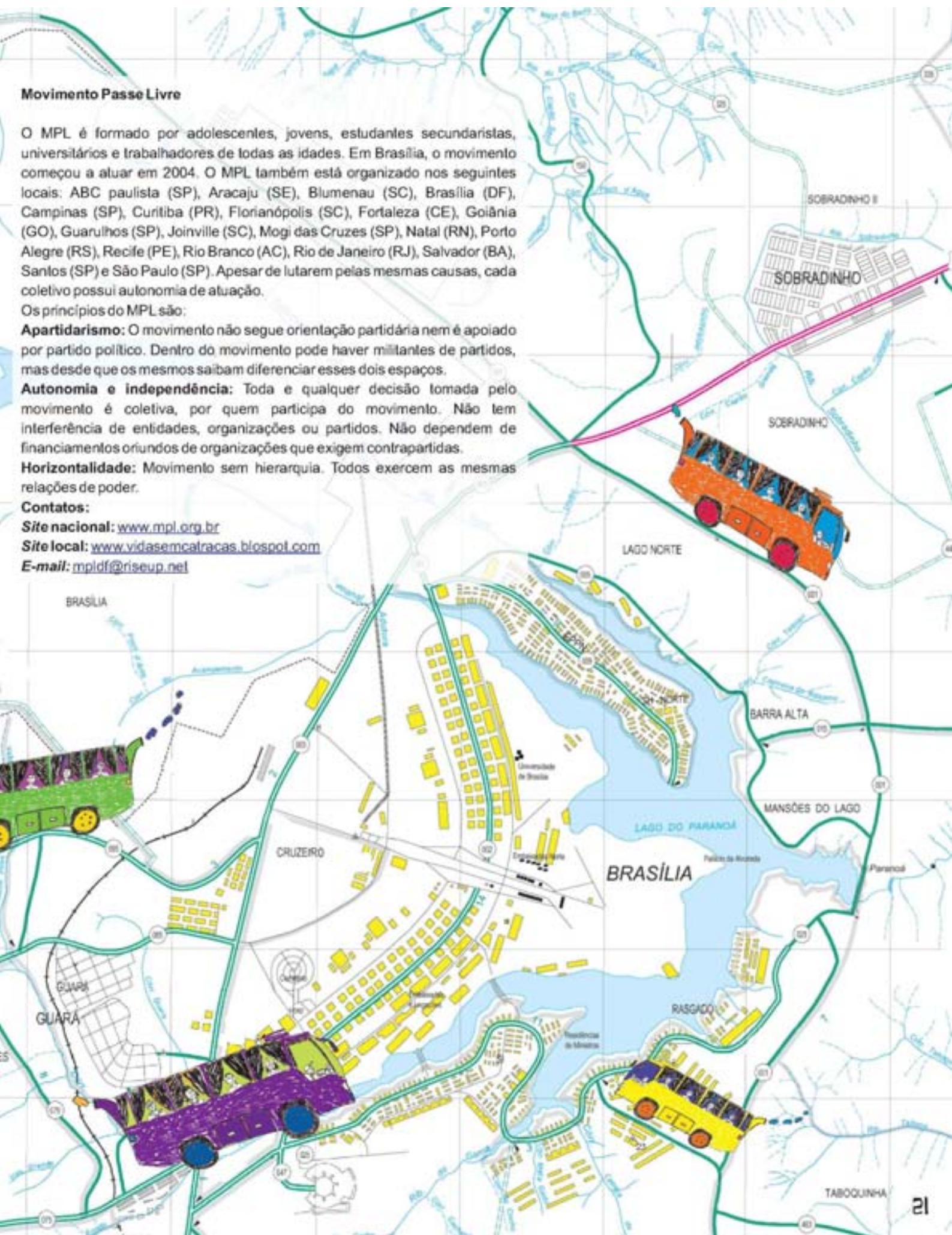
Horizontalidade: Movimento sem hierarquia. Todos exercem as mesmas relações de poder.

Contatos:

Site nacional: www.mpl.org.br

Site local: www.vidasemcalracas.blogspot.com

E-mail: mpldf@riseup.net



Abismo da incerteza

Luana Gonçalves Barreto

O fim de um ciclo é sempre tenso, mesmo que a gente comemore muito. Terminar o ensino médio significa pular de trampolim no abismo da incerteza. Saímos de uma rotina à qual estávamos acostumados(as) para enfrentar novos caminhos, com muita gente na expectativa.

E bota pressão nisso! Muitas vezes, acabamos nos influenciando pelas opiniões de outras pessoas e não procuramos analisar as próprias. Temos que escolher um curso para a universidade, enfrentar as provas do vestibular e procurar emprego – muitas vezes, sem ter experiência. Além disso, alguns pensam em fazer um concurso público para garantir o futuro.

Família, colegas e professores(as) filam sobre o assunto, cobram, esperam de nós o máximo. Parece que o mundo está de olho na gente. Cai a ficha de que estamos saindo da adolescência... Quando perguntam o que fazemos e respondermos “terminei o ensino médio”, fica uma sensação de vazio, principalmente se não passamos logo no vestibular.

Por falar em provas... Entrar nas melhores universidades (aquelas que todos(as) queremos e merecemos) é missão quase impossível, tendo em vista que estudamos em escolas públicas, que, por sua vez, estão mal das pernas. Ai, fica aquele clima de concorrência na própria escola, que nos faz olhar para os(as) colegas com a desconfiança de que eles ou elas podem ocupar uma vaga que poderia ser minha.

Professores(as) despreparados(as) ou desmotivados(as) são a realidade do cotidiano de muitas escolas públicas do Brasil e acabam influenciando o aprendizado dos(as) alunos(as), que saem dali com dificuldade de ingressar numa universidade ou mesmo no mercado de trabalho. Sem perspectiva profissional, acabamos pegando a primeira oportunidade que aparece pela frente, que nem sempre é aquela que desejamos.

Algumas escolas não contam com orientadores(as) vocacionais, mas de acordo com o artigo 28 da Convenção sobre os Direitos das Crianças, assinada pelo Brasil, “é dever do Estado tornar a informação e a orientação educacionais e profissionais disponíveis e acessíveis a todos os jovens”.

Quando olhamos as estatísticas, compreendemos que a disputa é difícil para qualquer adolescente ou jovem e, para negros(as) ou índios(as), as chances são bem menores.

Desigualdade racial

Segundo a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios do IBGE (Pnad/2006) revelam que as pessoas que se declararam pretas ou pardas tiveram maior acesso ao ensino superior. Na última década, subiu de 18% para 30% o acesso desse segmento da população nas redes de ensino pública e privada. Como pretos e pardos representam metade da população brasileira, fica claro que o cenário permanece injusto, mesmo que tenha mostrado uma melhora.

Para a estudante de Ciências Sociais, Aline Maia, a política de cotas para o ingresso de negros e negras nas universidades públicas brasileiras é um esforço que pretende diminuir o quadro de desigualdades raciais no Ensino Superior, majoritariamente branco e elitista. O objetivo é promover a diversidade étnica e cultural nas universidades e assumir o combate ao racismo de uma forma mais efetiva. “Sou estudante cotista da UnB. Ao contrário do que pensam alguns, tenho mérito acadêmico para ocupar o meu espaço. Ninguém me deu vaga alguma, tive que, assim como todos(as), passar pelo vestibular”, relata Aline.

Inversão entre público e privado

Os dados da Pnad 2008 apontam a concentração das vagas em universidades na rede privada. No Brasil, 86,5% dos alunos do ensino médio estão nas escolas públicas, e 13,5% nas particulares. No ensino superior, há uma inversão: 23,7% estão na rede pública e 76,3% na particular. Será que o governo não deveria investir mais nas universidades públicas para ampliar o número de vagas?

Cumprir o ensino médio significa para muitas famílias uma grande vitória, mas podemos e queremos ir além: escolher livremente a profissão que nos interessa, entrar nas universidades que escolhemos, estudar com os(as) melhores(as) professores(as), fazer cursos que ampliem nossa visão de mundo... A vida tem muito a nos ensinar, e queremos aprender.



Massa! Terminei meu ensino médio, e grandes mudanças aconteceram na vida e me fizeram dar um passo à frente, mostrando que eu era capaz de muito mais, principalmente no último ano. Fiz dois concursos públicos e passei nos dois! Isso dá um orgulho, vontade de querer passar em mais... Fez que eu me tornasse uma pessoa mais responsável e dedicada para ter um futuro melhor.

(Patrícia de Freitas Pires, 20)

UnB, cara, não importa quanto tempo levarei para ir para a UnB. Ter meu diploma e emprego garantido, fazer aquilo que eu quero, não importam os obstáculos.
(Aquiles Magno R. C. Pereira, 17)

A rotina é estranhamente diferente. Uma espécie de vazio no começo, depois vai diminuindo essa sensação. Estou procurando emprego e pretendo começar neste ano o curso de Biomedicina.
(Ariadne M. de Queiroz, 17)

Terminei o ensino médio no fim do ano passado e agora um mundo de possibilidades se abriu para mim, porém elas se mostraram poucas para os objetivos que tenho em mente. Por essa razão, estou fazendo faculdade, para ampliar o leque de opções da minha futura vida profissional, mas confesso que não faço ideia da área em que quero atuar. Só tenho uma certeza: conhecimento é poder, e é por isso que estudo.
(Vinicius de S. Santana, 17)

Depois que passa o ensino médio, a pressão é bem maior: temos de fazer faculdade, arrumar um emprego, temos de criar mais responsabilidade... Afinal, passamos de uma fase para outra! Agora, já estamos mais preparados para a vida, para novas experiências, e temos de estar sempre a fim de aprender e de nos aperfeiçoar, uma vez que a sociedade espera muito de nós e, claro, queremos realizar tudo aquilo que planejamos.
(Juliana da S. Martins Jorge, 17)

de olho no orçamento

Ação	Autorizado	Liquidado	Dotação inicial
12.363.0164.1176.4005 – Implantação de escolas profissionalizantes – Escola do Amanhã	0	0	2.000.000,00
2.363.0164.1176.4011 – Construção de escolas profissionalizantes	0	0	20.000,00
12.363.0142.4004.0001 – Projeto escolas técnicas – Escola do Amanhã	4.916.000,00	3.400.000,00	9.101.000,00
08.244.1461.6356.8648 (EP) – Serviço de educação socioprofissional e inclusiva para jovens – Gama (Emenda Parlamentar)	200.000,00	0	200.000,00

Fonte: Quadro de Detalhamento de Despesa referente à Lei Orçamentária Anual (LOA/2009) do Distrito Federal Relatório emitido em 3/2/2010. Valores em R\$1,00.



EI, PSIU, PRESTA ATENÇÃO! É ANO DE ELEIÇÃO

Artur Ribeiro

Qual será o papel da juventude nestas eleições? Segundo o Tribunal Superior Eleitoral, o total de votantes no país será de 132.629.575; destes, 1.989.444 são jovens.

Lógico que isso traz oportunistas e aqueles que pensam na juventude como massa de manobra, mas isso também acarreta as seguintes reflexões: quem deve estimular o debate? Em que ambiente ele se desenvolveria melhor? A resposta não é tão simples, mas deve ser analisada com cuidado.

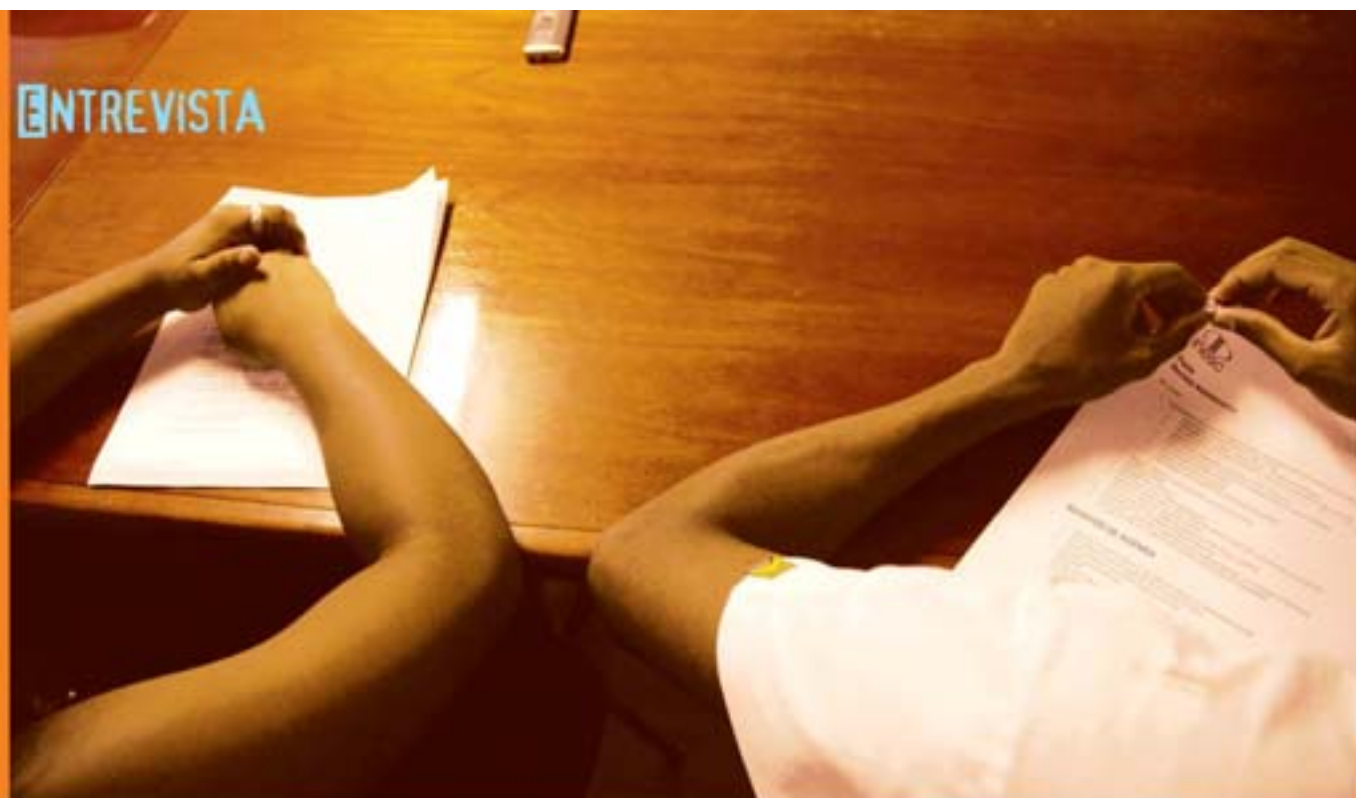
O principal papel é dos(as) educadores(as). Estimular o debate do voto consciente e conversar sobre as propostas dos(as) candidatos(as) – focadas, por exemplo, na educação – é o mais importante. Além da escolha do presidente, teremos eleições para senadores, deputados federais e estaduais/distritais, e para governadores.

Em Brasília, não havia ainda um panorama 100% certo das eleições no DF até o fechamento desta edição, até porque a coisa toda mudaria de figura se, de uma hora para outra, Cristovam Buarque resolvesse se candidatar. Há também a sombra do criticadíssimo – e possivelmente envolvido no escândalo de corrupção nas instituições do DF – Roriz (só para constar, a Operação Caixa de Pandora não era para investigar Arruda, mas sim o Roriz, só que acabaram pegando o que tem menos cabelo). Além disso, há o candidato que saiu da

disputa interna de metralhadoras e tanques do PT, Agnelo, que travou um embate duríssimo contra Magela, que será candidato a deputado federal.

Como dizia Raul Seixas: “Ah! Mas que sujeito chato sou eu que não acha nada engraçado...”. PSDB, PT, PMDB, DEM... e, completando a letra, posso até dizer que acho tudo isso um saco, mas é um saco necessário. Afinal, sou um jovem de 18 anos (pois é, agora para mim é obrigatório...) e tenho o dever de checar o que os(as) candidatos(as) têm a propor, principalmente para a educação.

Sei que tenho de colocar saúde, segurança e outros pontos de campanha em consideração, mas o principal é rever a política de educação pública, que ficou destruída após oito anos de governo Fernando Henrique, que empurrou dinheiro público para instituições privadas. Atualmente, a educação também não é lá essas coisas (melhorou um pouquinho com o Lula, mas ainda não é a ideal), uma vez que o governo gasta rios de dinheiro com o Prouni (Programa Universidade para Todos), que dá bolsas de estudo integrais e parciais para cursos de graduação de instituições privadas e, em troca, oferece isenção de tributos, que enriquece donos de faculdades particulares em detrimento do crescimento da faculdade pública. Nós, como jovens, devemos cobrar avanços na educação! Este, sim, deve ser o principal foco nestas eleições.



Entrevista com dois adolescentes bonitos, saudáveis e de bem com a vida. Ambos vivem com HIV. Os dois adquiriram o vírus durante sua gestação

O mundo é maior do que o meu quarto

Kelfenny F. de Araújo, Antônia Aldeide de J. Aguiar,
Gabriella Dias dos Santos e Edilza Marques dos Santos

Naiara, de 16 anos, descobriu ainda criança que tinha o vírus e, naquela época, isso não fazia muita diferença para ela. Mas quando começou a entender realmente o que era, começou a se aprisionar e a não sair mais de casa. Não tinha quase amigo. Com a ajuda do avô, a partir dos 14 anos, ela passou a lidar melhor com a situação. “Foi ele quem me deu mais força, que me apoiou, que dizia para mim que o mundo não era como eu imaginava só no meu quarto”, contou Naiara.

Paulo, de 17 anos, soube que estava com o vírus quando tinha 13 anos. Isso não o impediu de curtir a vida. Adora ir a festas, é uma pessoa brincalhona, tem muitos amigos, namora com uma menina, que não é soropositiva, mas a mãe dela é.

Com eles, pudemos compreender melhor o conceito da Organização Mundial da Saúde: “O direito à saúde significa o estado mais completo de bem-estar físico, mental e social, e não apenas a ausência de enfermidade”.

Segundo o Ministério da Saúde, de 1980 a junho de 2009, foram registrados 544.846 casos de aids no Brasil. Por ano, são notificados entre 33 mil e 35 mil novos casos. Em relação ao HIV, a estimativa é de que existam 630 mil pessoas infectadas no país. O que mais impressiona é o aumento de casos entre

mulheres. Em 1985, havia 15 casos da doença em homens para 1 em mulher. Desde 2003, manteve-se a relação de 15 para 10. Na faixa etária de 13 a 19 anos, a inversão vem desde 1998, com 8 casos em meninos para cada 10 casos em meninas. Para os homens dos 13 aos 24 anos, a principal forma de transmissão ocorre nas relações homossexuais. Entre jovens gays nessa faixa etária, houve aumento na proporção de registros – passou de 29%, em 1997, para 43,2%, em 2007.

“Aids não tem cara”

Naiara e Paulo nos mostram que o importante é ser feliz, sem preconceitos. E também que não devemos julgar as pessoas pela aparência. “Não é porque a menina é bonitona, tem bundona, peitão, que ela não tem HIV, não tem aids, não é por causa disso. A mesma coisa é com os meninos, aqueles lindos, maravilhosos... ‘Nossa, esse aí é tudo de bom, não dá nada’. Vai se enganando, porque aids não tem cara”, alertou Naiara.

Em cada escola do país, pode haver meninos e meninas que vivem com HIV; no entanto, a maioria se esconde no seu silêncio. Nesta entrevista, esses jovens trazem suas experiências com a intenção de contribuir para melhorar a vida de muita gente. A coragem de compartilhar suas impressões contribui muito para mudar a maneira de pensar e de agir de quem tem ou não o vírus. Convidamos você a participar dessa conversa.

Naiara e Paulo são nomes fictícios para preservar as identidades dos entrevistados.

Revista – Como foi quando vocês souberam que tinham HIV?

Naiara – Eu soube bem pequena. Então, não fez muita diferença. Mas quando eu comecei a descobrir realmente o que era, quando comecei a escutar as pessoas falarem o que era, dizendo o que iria acontecer e tudo, que “ah, tem aids, não sei o que, vai morrer...”, para mim foi muito ruim. Até os meus 13 anos, não gostava muito de sair, ficava mais em casa, na minha. Quase não tinha amigos, não gostava muito de ficar com pessoa nenhuma. Depois dos 14 anos, comecei a melhorar, daí agora eu não ligo mais.

Paulo – Descobri com 13 anos, mas também não fez muita diferença. Eu continuo minha vida, faço tudo o que eu quero, não há nada que eu não possa fazer. Gosto muito de ir para festas. Por isso, estou com sono aqui [risos].

Revista – E como as suas famílias reagiram?

Naiara – Para mim foi normal, para o meu avô é que não. Ele ficava mais chateado por causa da minha mãe, porque ela se juntou com meu pai e engravidou de mim. Só quando eu tinha cinco anos é que ela descobriu a doença. Meu avô ficou muito chateado com ela, mas nenhuma reação de não querer, de não aceitar, pelo contrário, porque foi ele quem me deu

Eu fiquei assim sem querer contar, em dúvida... “Conto, não conto? Não sei”. Essas coisas todas, aquelas dúvidas que vêm à cabeça dos jovens na hora de contar isso para alguém: “será que ele vai aceitar, será que vai querer, será que vai terminar comigo?”

mais força, quem me apoiou, quem dizia para mim que o mundo não era como eu imaginava só no meu quarto. Então, me apoiaram bastante minha avó e meu avô. Eu moro com eles. Minha mãe faleceu.

Paulo – A minha sempre foi normal, nunca deu a entender que eu era adotado [e quando Paulo foi adotado, a família sabia que tinha HIV], e ninguém suspeitou disso porque eu era muito parecido [com as pessoas da família]. Até nisso, ninguém nunca ligou, tratamento igual aos outros.

Revista – Os adolescentes, as pessoas que viviam em volta de vocês, tiveram um olhar diferente sobre vocês?

Naiara – Até que não. É como eu falo: as minhas amigas de verdade não se importam, não estão nem aí se eu tenho ou não, não há

diferença, mas também não ligo para os outros. Alguns têm reações inesperadas, mas também não me importo.

Paulo – Nunca contei. Também sou muito brincalhão. Se eu falasse, iriam achar que era brincadeira. Meu jeito é assim, mas também nunca achei necessidade de sair contando para todo mundo. Se perguntar, bem, se não perguntar, para mim tanto faz. Sempre tive os amigos, uma turma desde quando era pequeno.

Revista – Muitos adolescentes que estão começando a vida sexual sem usar preservativo podem contrair o vírus. Como é essa discussão dentro da rede social da qual vocês fazem parte?

Paulo – Isso foi discutido num encontro em João Pessoa, onde havia um monte de médico, psicólogo, comissão científica... Quando a pessoa pega o vírus por sexo, é mais difícil a aceitação. Até o diagnóstico conta com um acompanhamento antes de se



fazer o teste. Mesmo que dê negativo, tem que haver o acompanhamento, as etapas têm que ser cumpridas direitinho, para preparar a pessoa para o resultado. Muitos jovens fazem o teste mais por brincadeira de grupo: “Ah, vou fazer, então”, aí fazem. Agora, quem tem mais medo de fazer o teste e dar positivo é o adulto, isso é comprovado. Quando o jovem descobre, é mais difícil a aceitação, porque ele não se perdoa, ele fica se culpando, e com isso dificulta. Mas também isso varia muito, faz parte da pessoa, do jeito que ela foi criada.

Naiara – Conheci um jovem por esses tempos. Já fazia um mês que ele havia descoberto, mas lidou com isso normalmente. Ele falava: “eu devia ter me cuidado antes; já que não me cuidei, não posso brigar com ninguém nem querer me matar, porque isso não vai resolver nada”. Eu achei muito legal a atitude dele, porque muitos dizem: “deixa morrer, então, deixa matar logo”. Ele, não. Era

totalmente tranquilo. Falou que ia ver se precisava tomar o remédio agora, que ele ia começar sem problema algum, achei isso muito legal.

Revista – Como é namorar depois do HIV? Rola muito preconceito?

Naiara – Às vezes. Quando comecei a namorar... Tem umas meninas que não gostam de mim de jeito nenhum. Ai, falaram para ele: “ela tem aids, você vai ficar com ela?”. Ele não ligou, mas elas continuaram insistindo, mandavam recadinhos, e ele não estava nem aí. Mas um dia, a gente conversando, ele perguntou para mim. Eu falei “não”, primeiro. Eu fiquei assim sem querer contar, em dúvida... “Conto, não conto? Não sei”. Essas coisas todas, aquelas dúvidas que vêm à cabeça dos jovens na hora de contar isso para alguém: “será que ele vai aceitar, será que vai me querer, será que

necessidade, não tinha também a confiança necessária. Agora, estou namorando uma menina que conheci num encontro que aconteceu em Curitiba. Ela não é soropositiva, só que a mãe dela é, e aí a gente está tendo um caso, mas, de resto, eu vou para as festas.

Revista – Vocês falaram sobre filhos. Qual é a perspectiva de uma pessoa com HIV ter um filho que não tenha o vírus?

Paulo – 100%. Existe um certo coquetel [AZT] que, no pré-natal, eles dão para a mãe, sendo ela positiva ou não, aí ela toma um comprimido. Na hora do parto, ela toma um também, só que é direto na veia. E depois o bebê toma, acho que durante seis meses. Com isso, até hoje não houve nenhum caso de nascimento de crianças com HIV devido aos pais.

Revista – Vocês têm vontade de constituir família, ter filhos?



Agora é fato que a epidemia está crescendo entre adolescentes e pessoas hetero. A maioria dos casos tá crescendo entre os adultos e jovens de 13 a 19 anos.

Naiara – Eu tenho, só que não agora, daqui a cinco anos, quem sabe? Ai eu fico imaginando essa questão, de como vai ser, não vai ser uma relação [sexual] direta, vai ter que ser um tratamento mais adequado e tudo, mas eu acho que tudo vai ser tranquilo.

Revista – Vocês acham que os jovens aderem ao uso do preservativo na prática? É o cotidiano dos jovens?

Naiara – O jovem tem muito de “ah, vou para a balada”. Se a guria é gostosa, bonita, não está nem aí... “Não tem nada, não; essa é muito bonita, tenho certeza de bonita, não está nem aí... “Não tem nada, não; essa é muito bonita, tenho certeza de que ela não tem”, aí vai lá e... pá. Quando têm o preservativo e eles lembram de usar, até que usam, mas isso para eles não é obrigação, uma coisa que tem que ser usada. Eu conheço um que fala: “Naiara, me arruma uns preservativos”, aí eu pego e dou para ele. No outro dia: “Naiara, nem usei os preservativos que você me deu...”. “Você não saiu com a menina?”. “Sai, mas não deu tempo de colocar, não. Não posso fazer nada”.

Revista – Qual é a importância disso para os jovens?

Naiara – Muita, porque, além de evitar a aids, evita muita gravidez indesejada. Uma colega minha engravidou com 17 anos. Às vezes, eu fico brigando com as minhas colegas, porque elas falam: “meu namorado é fiel, meu namorado é isso, meu namorado é aquilo, não preciso usar isso”. Eu respondo: “besteira, seu namorado”. É como

vai terminar comigo?”. Ai, eu contei para ele, e foi normal. Ele falou que já sabia e que não se importava. Mas existe muito preconceito, porque antes namorei outro menino que dizia que me amava, que queria ser o pai dos meus filhos, falava todas aquelas coisas para eu cair na dele, para dar bola para ele, aí eu contei. O menino mudou totalmente, aquele amor, aquele pai que queria ser, mudou. Simplesmente a semana acabou para ele. Um tempão depois, ele disse que se arrependeu: “podia não ter ligado para isso, mas eu fui deixar de ficar com você por causa de uma besteira boba, agora...”, e eu completei: “agora é tarde!”. Existe muito preconceito. Muitas vezes, fica naquele xodó... Mas “você quer ser mesmo meu amigo, você quer namorar comigo?”. Ai eu pego e conto, rapidinho descubro se é verdade ou não, é um testezinho básico.

Paulo – Para namorada assim eu nunca contei, porque eu não tinha

preciso usar isso". Eu respondo: "besteira, seu namorado". É como um colega meu fala: "burro preso também come pastos alheios". Vai, seu namorado é fiel, não vai se cuidar não ... [fala com tom de ironia].

Revista – Por que as mulheres e as meninas são as principais vítimas?

Naiara – Eu acho que é questão de confiança mesmo, porque, na campanha de carnaval, a gente estava entregando preservativos na rodoviária, na rododiferroviária, no aeroporto, aí muitas chegavam: "não, eu sou casada, não preciso", com um filho no braço, um puxando a saia, outro na barriga, "eu sou casada, não preciso disso". Muitas têm essa questão de que são casadas, noivas, namoradas, e que, por isso, não precisam de preservativo. Acho que é mais a questão da confiança, porque elas acreditam muito no parceiro.

HIV é o vírus, só o vírus; aids não, já é a doença oportunista, quando o vírus está num estágio avançado, e com isso ele enfraquece a imunidade do corpo e a pessoa começa a pegar vários tipos de doença.

Paulo – Também porque o homem se impõe mais sobre a mulher.

Naiara – Os homens são muito machistas: "não vou usar isso, não; você não confia em mim?".

Revista – Muita gente não tem a informação correta e age com base nas atitudes dos outros. A falta de informação prejudica bastante?

Paulo – Quem sai perdendo é a pessoa, porque ela está se prejudicando. Preservativo não é só para quem tem alguma doença, é para todo mundo. No aeroporto mesmo, no carnaval, fui entregar para um cara: "eu vou apanhar da mulher se chegar com isso em casa". Eu comecei a rir e disse para ele: "fala que é campanha de carnaval, leva, guarda, fala que pegou na hora do voo". Agora, é fato que a epidemia está crescendo entre adolescentes e pessoas heterossexuais. A maioria dos casos está crescendo entre os adultos e jovens de 13 a 19 anos.

Revista – Como é viver com HIV?

Paulo – Isso depende muito da pessoa, tem gente que aceita, tem gente que não. Vivo minha vida, e o resto – desculpe a palavra – que se dane, mas tem muita gente que acha: "ah, não sei o que lá, fica cheio de coisinha", eu não, eu faço tudo que eu quero, saio pra festas, jogo bola, faço tudo.

Revista – Não se fala sobre isso na escola. Muitos alunos devem ter HIV e não falam. O que vocês pensam disso?

Paulo – Isso depende muito da criação, tem mãe que superprotege. Uma vez, a gente foi conversar com um menino, chamar para reunião, e a mãe não deixava a gente falar, nem ele, respondia por ele: "não, eu vou matricular ele num curso", não deixava ele se colocar e falar o que sentia. Muitas vezes, a pessoa não tem liberdade de falar com os pais, é constrangedor.

Revista – A gente ouve um monte de bobagens na escola. Como é que vocês ficam?

Paulo – Eu começo a malhar, rindo, só que na brincadeira: "cara, você é desinformado! Está na escola e não sabe isso...", levo na esportiva, brincando mesmo, não vou ficar com raiva, sou tranquilo.



Naiara – Eu também não ligo. Às vezes, eles estão falando, aí eu entro nessa besteira, mas começo a levar pro lado sério. Já fiz duas apresentações na escola para falar sobre o uso do preservativo, sobre aids, HIV, hepatite, essas coisas. Aí chegam aqueles meninos que ficaram brincando na hora da apresentação e perguntam: "Naiara, vem cá, como é isso, como é aquilo", é uma coisa bem engraçada, mesmo eles brincando, porque, ao mesmo tempo em que eles querem se informar, alguns ficam com vergonha de perguntar por causa dos outros que ficam enchendo o saco.

Revista – Quais são as principais dúvidas?

Naiara – Sobre aquela questão de como colocar [o preservativo]. Tem um colega meu que não tá nem aí pra vida. Ele saiu com uma menina no fim de semana, aí chega na segunda-feira todo preocupado, achando que ela tá grávida porque tá com enjojo e não sei o quê. Eu digo: "menino, calma, ela não tá grávida. Não tem três



dias e a menina já está com enjoo?”. “Naiara, a mãe da menina vai matar ela, o pai da menina vai querer me matar”. “Fica calmo. Depois de dois meses você me conta, porque essa menina não está grávida”. Ele ficou pensando se a camisinha tinha estourado, que não colocou direito. “Viu, gente, é uma coisa mais de como colocar”. Também perguntam sobre como é o gosto do remédio, mas é mais a questão do preservativo.

Revista – A gente sabe que o beijo não transmite HIV, mas muita gente ainda tem essa dúvida, sei lá, por exemplo, se houver uma ferida na boca...

Paulo – Isso daí só se o ferimento for muito grande, porque a própria saliva não deixa.

Naiara – Ela corta o efeito.

Paulo – Para haver a transmissão, tem que existir o contato direto do sangue de uma pessoa com o organismo da outra. No beijo, tem muita saliva, nunca teve caso, isso é comprovado, é muito difícil.

Revista – Para deixar claro: o beijo não transmite, compartilhar objetos não transmite... Então, o que não transmite e o que transmite?

Naiara – Aperto de mão, sentar na mesma cadeira, comer na mesma colher, essas coisas não transmitem de jeito nenhum. A piscina, nada a ver, a não ser que a pessoa faça um corte lá dentro da piscina e comece a sair sangue e outra pessoa tem um machucado, mas ainda assim é muita água. O vírus não sobrevive. O que transmite são formas de sexo sem proteção, sangue...

Paulo – Usar a mesma seringa para o caso de quem usa drogas injetáveis, e isso quase não existe mais; pegar por sangue também é muito difícil, são feitos muitos testes. Pode ficar tranquilo porque, no Brasil, a transfusão de sangue tem controle rigoroso.

Revista – E sexo oral? É transmissível?

Paulo – Todo tipo de sexo é transmissível, porque pode causar pequenos ferimentos, sangramentos que a gente não percebe.

Revista – O vírus pode se desenvolver sozinho na pessoa ou ele só é transmitido?

Paulo – Se desenvolver, assim, não. Só se ele já estiver no organismo. Pode ser transmitido de mãe para filho ou na relação sexual sem preservativo, resumindo.

Revista – Vocês fazem tratamento com algum medicamento? Como é?

Naiara – Sim. Todo medicamento, se o médico passa de 12h em 12h, tem que tomar direito, porque depois de 12h passa o efeito. Eu acho normal o medicamento hoje em dia. Antigamente, odiava tomar, jogava fora, juntava uns xaropinhos que minha mãe

mandava tomar, ia lá para a pia, “mãe, tomei”, e jogava fora. Aí o vírus só aumentava, vêm aquelas doenças oportunistas e com muita facilidade sua imunidade cai, qualquer coisinha, qualquer resfriado que você pega, dá uma pneumonia, uma coisa mais grave, então é muito bom tomar o remédio direito nos horários certos para não ter nenhum problema.

Revista – A rede pública tem os medicamentos? Os postos de saúde têm?

Naiara – Têm, sim. Têm que ter, porque o medicamento é muito caro, ninguém tem condições de comprar.

Paulo – Depende também do medicamento, porque o tratamento tem etapas. Os da primeira e da segunda etapa têm, aí depois tem que entrar na Justiça, porque tem um procedimento para comprar esses medicamentos, caso a pessoa não tenha boa adesão ao tratamento. Se não estiver tomando certo, o remédio vai perdendo o efeito, porque ocorre a resistência do organismo. Aí, tem que trocar o medicamento, existe uma certa burocracia para isso. Medicamentos mais fortes e mais caros também.

Naiara – Vários medicamentos não são feitos aqui no Brasil. Eles vêm dos Estados Unidos. Aí, tem toda aquela burocracia de pedir autorização para o médico, para ver se pode tomar aquele remédio, é muita burocracia!

Não é porque a menina é bonita, tem bundona, tem peitão, que ela não tem HIV, não tem aids, não é por causa disso. A mesma coisa é com os meninos, aqueles lindos, maravilhosos... “Nossa, esse aí é tudo de bom, não dá nada”. Vai se enganando porque aids não tem cara.

(...) sempre tem alguém que bate na tecla querendo fazer alguma coisa, mas se for só uma pessoa tentando mudar o mundo é muito difícil, é impossível, se não tiver ajuda de todo mundo para tentar mudar.

Revista – Existem outras medidas, além do medicamento, que ajudam no tratamento?

Paulo – Boa alimentação, praticar esportes, ter uma vida saudável (o que é bom para todo mundo). Uma pessoa me falou que está mais saudável agora do que antes de contrair o HIV. Ele disse que come coisas mais saudáveis, que antes ele não se cuidava, comia tudo quanto é coisa, ficava dormindo o dia todo, não fazia nada... E, agora, não. Para não sentir os efeitos colaterais do remédio, que são fortes, ele pratica esporte, malha, tem uma boa alimentação, e isso ajuda muito. Ele está bem porque agora ele tem uma vida saudável. Seria bom colocar na revista a diferença entre HIV e aids, porque o pessoal pergunta muito. HIV é o vírus, só o vírus. Aids, não. Já é a doença oportunista, quando o vírus está num estágio avançado e enfraquece a imunidade do corpo, fazendo a pessoa começar a pegar vários tipos de doença.

Revista – E pode passar a vida toda e o vírus não se manifestar...

Paulo – Tendo medicação, sabendo controlar, sim. Isso também depende do organismo, se está forte ou se está mais frágil.

Revista – Vocês acham que as campanhas atuais chegam ao jovem? Qual seria a campanha adequada para mostrar para todo mundo informações técnicas sobre HIV e aids?

Paulo – O jovem é muito curioso. Espalhando essas coisas em festas, havendo distribuição [de material informativo e de preservativos], ele vai olhar, sim. Pode achar estranho, mas ele tem boa aceitação, diferente do adulto, que fala que vai apanhar da esposa, fala que é casado... O jovem leva mais na esportiva.

Revista – O que vocês têm a dizer para quem já está começando a ter experiências sexuais?

Paulo – Se previna.

Naiara – Se cuide. Antigamente, tinha aquela coisa: a pessoa é muito magra, não sei o que, o gordinho não tem aids, não. O gordinho é saudável, se tem bochechinha vermelha, não tem aids. Agora, aquele magricelo tem. Então, tem muito disso, mas hoje em dia tanto o magro como o gordo podem ter, a gente não vê, a gente não sabe.

Paulo – Antes era magro por causa da

doença mesmo que ele pegava e não aceitava certo tipo de alimento. Aí, com remédio, isso acabou.

Revista – O Brasil investe bastante em política de prevenção e atendimento, diferentemente de outros países. Na África, muita gente morre por falta de política pública para isso. Vocês acompanham esse diálogo internacional?

Paulo – O Brasil apoia. Praticamente na América do Sul todinha, ele é referência. Na África, o povo é muito sofrido. Ninguém dava muita bola para a África. Eu acho que essa Copa do Mundo lá ajudou o pessoal a olhar com outros olhos para eles. Na Europa, existem muitos casos também, mas lá tem mais planejamento, eles têm uma estrutura mais forte do que nos países africanos, mas isso aí já está melhorando.

Revista – Como é o trabalho da rede social da qual vocês fazem parte?

Paulo – Dar apoio aos jovens, porque jovem sofre muito, se fecha, é besteira a pessoa se fechar por causa de alguma coisa.

Revista – O fato de a pessoa saber que existe remédio e tratamento pode levá-la a ter uma postura mais desencanada, quer dizer, a pessoa não se preocupa em se prevenir porque existem meios de se tratar?

Paulo – Não, muitas vezes não, porque ninguém gosta de ficar tomando remédio. As pessoas falam na hora: "se não der em nada...". No caso de tratamento, muitas vezes nem sabem. Ou mesmo assim acontece, vai na empolgação, não tá nem aí.

Revista – Existem pessoas que têm HIV e são discriminadas, isso gera violência, não só a verbal, mas a física também. Vocês já viram casos de colegas que sofreram violência?

Paulo – Existe muito caso de preconceito da própria família, que



abandona o jovem que pegou. Isso é mais por relação sexual. Ai, a família expulsa de casa...

Naiara – Em Belo Horizonte, a gente conheceu uma menina, que hoje deve estar com 15 anos, mas a história é a seguinte: quando ela tinha uns 3 anos, a mãe dela se juntou com um cara, e esse padrasto tinha aids, só que ninguém sabia, e ele começou a abusar da menina, que devia ter 4 anos mais ou menos. Quando ela tinha 8, 9 anos, a mãe dela faleceu, e ela começou a adoecer por causa dessa questão do abuso. Então, ela pegou a doença. O povo foi ver o que ela tinha, descobriu que ela tinha aids, e a menina – com 9 anos de idade! – foi expulsa de casa. Sabe por quê? O padrasto falou que a menina, naquela idade – usando as palavras dele –, já estava “dando”, que a menina não tinha vergonha na cara, que ia ser do mesmo jeito que a mãe, de casar com um e arrumar outro, e a menina não teve como se defender. Simplesmente teve que sair porque o padrasto dela tinha a total confiança do povo, que ele nunca ia fazer aquilo, e ela não podia falar, porque ele batia nela e porque ninguém iria acreditar. Por isso, ela simplesmente saiu de casa.

Pra mim é importante levar informações a eles, porque se minha mãe soubesse disso, tenho certeza de que ela teria se prevenido, então é isso que eu quero, tentar levar informações para esses jovens.

Revista – E para onde ela foi?

Naiara – Diz ela que morou um bom tempo perto da casa dela, debaixo de uma ponte, até encontrar um menino que gostou dela, que a levou para a casa dele e ficou cuidando dela um tempo. Depois, ela foi para uma casa de apoio.

Revista – Isso mostra como as coisas estão vinculadas ao preconceito, à violência sexual, à falta de direitos... Pensando nessa menina, ela tem vários direitos, podia não denunciar esse cara e conseguir proteção, mas não tinha os direitos esclarecidos... Tantas crianças com o HIV já foram expulsas ou sofreram preconceito e têm os direitos delas bem ali, no ECA, só que, por falta de informação, por falta de apoio, não sabem...

Naiara – Tanta criança que não sabe que pode procurar socorro, que acha que, se ela for à delegacia e denunciar, vão chamá-la de doída... Existe muito isso por falta de informação. Então, muitas vezes, as crianças deixam quieto.

Paulo – Depende também do profissional que atende, porque existe muita ignorância até dos professores. Eu já dei aula de sexo seguro para diretores de regionais e professores. Você pensa: “o cara é formado, professor, eu não sei para que vou fazer isso aqui”.

Mas quando você começa a falar, percebe que muitas vezes eles não sabiam nada sobre o assunto, sobre camisinha, e eles até esnobam. Uns até ficam admirados, outros não, acham que “esse aí não sabe o que está falando”, mas a maioria tinha certo desconhecimento sobre o assunto.

Revista – Quando você começou a falar me veio à cabeça a imagem da Igreja. Como é que a Igreja lida com a campanha, com o apoio? Como é a abordagem?

Naiara – As igrejas têm um grande preconceito sobre a questão do preservativo. Algumas não permitem, é muito esquisito. Uma vez, ao entregar o preservativo para um senhor no carnaval, ele voltou depois e disse: “eu sou pastor, não preciso disso”. Então, é uma coisa assim, é grave, porque ele achava que, por estar na igreja, por fazer parte dela, nunca iria pegar aids, porque Deus o está protegendo. Lembro de um cara mesmo que ficou brigando com o médico e disse que não iria tomar remédio porque estava na igreja, porque Deus iria cuidar dele, Deus iria curá-lo.



Paulo – Algumas pessoas aceitam, em parte, porque ainda têm um certo receio. Agora, o argumento de fazer sexo só para reprodução... Mesmo assim, essas pessoas podem acabar pegando o vírus. É complicado lidar com esse público, mas existem casos de pessoas que vão à igreja e usam o preservativo normalmente. É muito complicado, porque a população é muito variada, tem gente de tudo quanto é jeito.

Revista – Acho que foi o Dourado do Big Brother que disse uma besteira, que só gay pegava aids. Imagina a pessoa que não tem informação sobre o que é HIV e aids, o que ela vai pensar?

Paulo – Ele disse que hétero não tinha como pegar aids, porque eram só os gays que pegavam. Até o Bial não soube explicar e não

direito. Ele só forneceu o endereço do site do Ministério da Saúde, para o pessoal olhar, e não soube desmentir. Isso é muito comum. Existe cada besteira...

Revista – Vocês deram vários exemplos de que a falta de direitos é muito mais articulada na vida real do que a garantia dos direitos...

Paulo – Mas a população, de um modo geral, não conhece muito as leis, é muito acomodada, existe muita coisa errada que ela poderia mudar e simplesmente vira as costas, com aquele argumento: “não está me atingindo, por mim...”. Até quando existe alguma coisa bem séria, sempre surge alguém que bate na tecla, querendo fazer alguma coisa, mas se for só uma pessoa tentando mudar o mundo, é muito difícil. Se não houver a ajuda de todo mundo para tentar mudar, é impossível.

Revista – Isso motiva vocês? Incentiva que vocês façam o trabalho na rede, as palestras?

Paulo – Eu acho que eu gosto, porque nesse assunto eu fico à vontade. Nas escolas é bom também porque a gente conhece novas pessoas.

Naiara – Para mim, é importante levar informações a eles, porque se a minha mãe soubesse, tenho certeza de que ela teria se prevenido. Então, é isso que eu quero: tentar levar informações para esses jovens.

Revista – A gente queria que vocês deixassem um recadinho para os(as) leitores(as).

Naiara – O que vale a pena é ser feliz, não importa como nem de que jeito. Se você se sente feliz daquele jeito, não ligue para o que as

Não é porque você tem aids, tem HIV, que você vai deixar de ser o que é, mudar seu jeito ou sua opinião. Viva seus sonhos

pessoas falam, não ligue para o que elas pensam, seja você mesmo onde quer que você esteja. Não tenha aquela coisa de “eu vou ficar quieto porque não conheço esse pessoal”, pelo contrário, se entrose. Não é porque você tem aids, tem HIV, que você vai deixar de ser o que é, mudar seu jeito ou sua opinião. Viva seus sonhos e não deixe de viver sua vida, não importa o que os outros pensem.

Paulo – O meu recado é para a pessoa se cuidar mesmo, se prevenir. As doenças estão aí e qualquer um está vulnerável a elas. Não é um “bicho de sete cabeças”. É uma doença que pode ser tratada, mas sempre é bom evitar.

O que é HIV? O que é aids?

HIV é o vírus; **aids**, a doença. O vírus denominado HIV significa vírus da imunodeficiência humana. Ele é um retrovírus, isto é, precisa sofrer ação de uma enzima (transcriptase reversa) para conseguir infectar as células e se multiplicar. O vírus atua sobre as células de defesa do organismo, causando uma falha no sistema imunológico e propiciando o surgimento de várias doenças oportunistas.

Aids é a sigla em inglês. Em português, significa síndrome da imunodeficiência adquirida (sida). É uma doença infecciosa, causada pelo vírus HIV, que pode ser contraída durante a gestação ou ao longo da vida, nas relações sexuais com parceiros contaminados ou mediante a contaminação sanguínea.

Mas atenção: a aids é o estágio mais avançado da infecção pelo HIV. Uma pessoa pode passar muitos anos com o vírus sem apresentar sintoma algum. A duração desse período depende da saúde e dos cuidados do soropositivo com o corpo e a alimentação.

Fonte: Ministério da Saúde



Saiba mais
www.aids.gov.br

de onde no orçamento

Ações	Autorizado	Liquidado
10.305.0050.7472.0001 – Construção de centro para atividades do Projeto de Redução de Danos em DST/Aids	330.000,00	0
10.305.0900.2155.0002 – Prevenção e combate às doenças transmissíveis	8.888.729,00	1.932.092,08

Fonte: Quadro de Detalhamento de Despesa referente à Lei Orçamentária Anual (LOA/2009) do Distrito Federal. Relatório emitido em 3/2/2010. Valores em R\$1,00.

Várias formas de amar

Lourrany Stefanie S. dos Anjos

As pessoas gostam umas das outras sabe-se lá por quê. E se apaixonam por pessoas que podem ser homens e/ou mulheres, por homens que se identificam como mulheres, por mulheres que se identificam como homens, por pessoas que tenham os dois sexos (hermafroditas). As relações podem ser homossexuais, heterossexuais, bissexuais, transexuais e até assexuais!... Não há explicação. Há sentimento.

O problema não está em como as pessoas vivem o amor, mas na intolerância de quem acredita que há apenas uma única forma de vivê-lo. O preconceito que existe na sociedade reflete-se, também, nas escolas. Embora o tema tenha sido muito debatido nos últimos anos e algumas políticas públicas tenham sido criadas para a defesa do direito à diversidade sexual, ainda há muito a ser feito.

De acordo com a pesquisa "Juventudes e Sexualidade", realizada pela Unesco, no ano de 2000, em 14 capitais brasileiras (241 escolas, 16.422 estudantes, 3.099 educadores(as) e 4.532 pais e mães de estudantes), 27% dos(as) alunos(as) responderam que não gostariam de ter um(a) colega homossexual.

Entre os jovens do sexo masculino, em qualquer capital analisada, a rejeição é maior: a média chega a 40%. No DF, 39,7% dos meninos disseram que não gostariam de ter colegas homossexuais, enquanto 19,8% das meninas foram da mesma opinião.

Já entre os pais dos alunos, 35% responderam, em média, que não gostariam que homossexuais fossem colegas de escola de seus filhos ou filhas. No DF, a média de rejeição é de 24,3%. Os homens são mais preconceituosos, chegando, em Recife, a 60% e, em Fortaleza, a 59,2%.

Segundo o estudante Yago, 17 anos, a intolerância dos colegas chegou à agressão física e psicológica. "Chegaram ao extremo de fazer um abaixo-assinado para que o diretor me expulsasse da escola só porque sou homossexual. O diretor se recusou, alegando a importância da diversidade. A homossexualidade não é uma doença, e sim uma condição".

Daiane, 18 anos, estudante, faz parte do grupo LGBTTTIA (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, transgêneros, intersex e assexuados). Ela paquera uma menina e conta que sente dificuldade de assumir sua sexualidade por causa dos velhos paradigmas existentes na nossa sociedade. Para Daiane, a homossexualidade feminina é menos estigmatizada do que a masculina, mas não deixa de ser tratada com diferença, como uma doença. "O mundo não precisa aceitar, apenas respeitar".

Saiba mais

Escola sem homofobia

O projeto foi idealizado pela Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids e tem o apoio do Ministério da Educação (MEC). Conta com lideranças do movimento LGBT, gestores estaduais e municipais de educação, representantes dos Comitês Gestores Estaduais do Programa Saúde e Prevenção nas Escolas (MEC/Ministério da Saúde) e das Comissões Estaduais de Direitos Humanos.

Nomes sociais

No ano passado, o MEC enviou um ofício às secretarias estaduais de educação de todo o Brasil, recomendando que elas passem a aceitar os nomes sociais de alunas(os) travestis e transexuais.





Jefferson tem 19 anos e se relaciona com outro garoto. Seu irmão também se assume homossexual, mas conta que a mãe ainda guarda alguns preconceitos. Ele torce para que a união civil (quer dizer, o casamento no cartório) e a adoção de crianças por homossexuais sejam aprovadas. Além disso, ele se indigna com a falta de valorização profissional: “a sociedade delimita que os homossexuais só podem ser cabeleireiros ou estilistas, e isso não é verdade, porque podemos ir muito além”.

Para Jê, 16 anos, o ser humano precisa evoluir muito. “A sexualidade não diz se você é melhor ou pior do que ninguém”. Ele paquera uma menina e admite que já foi muito preconceituoso, mas hoje vê o mundo diferente. “Respeito as pessoas, independentemente de suas escolhas”.

Duda, 17 anos, concorda. “Acima de tudo, somos cidadãos, devemos respeitar as escolhas do próximo, mesmo tendo nossas diferenças entre classes sociais, raça, etnia e opções sexuais”.

O amor, o desejo, o exercício do afeto e o despertar da sexualidade não podem ser motivos de deboche e de discriminação. O que importa é que todas as pessoas sejam respeitadas em suas formas de ser e que os modelos com que tentam rotular os(as) “diferentes” com estigmas e preconceitos sejam revistos para a construção de um novo olhar mais amoroso.

“Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas”

Publicação do Ministério da Educação (MEC) disponível na internet (www.dominiopublico.gov.br). Evidencia o fato como grave problema social cujo enfrentamento não pode ser mais adiado. Ao mesmo tempo em que a escola aparece como poderosa instância de reprodução das lógicas homofóbicas, também se apresenta como um dos mais importantes espaços para a promoção do reconhecimento da diversidade sexual e do enfrentamento da discriminação.

ALGUMAS PROPOSTAS DO PLANO NACIONAL LGBT PARA A EDUCAÇÃO

- Incluir recomendações relacionadas à promoção do reconhecimento da diversidade sexual e ao enfrentamento ao preconceito e à violência por orientação e identidade de gêneros nos Editais de Avaliação e Seleção de Obras Didáticas do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), do PNLD para o Ensino Médio (PNLEM) e do PNLD para a Alfabetização de Jovens e Adultos (PNLA).
- Inserir nos livros didáticos a temática das famílias compostas por lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, os novos modelos de famílias homoafetivas com ênfase nos recortes de raça/etnia, orientação sexual e identidade de gênero.
- Incluir as temáticas relativas à promoção do reconhecimento da diversidade sexual nas ações de educação integral.
- Estimular e fomentar a criação e o fortalecimento de instituições, grupos e núcleos de estudos acadêmicos, bem como a realização de eventos de divulgação científica, sobre gênero, sexualidade e educação, com vistas a promover a produção e a difusão de conhecimentos que contribuam para a superação da violência, do preconceito e da discriminação em razão de orientação sexual e identidade de gênero.

DE OLHO NO ORÇAMENTO

Ação	Autorizado	Liquidado
08.244.1450.6307.0002 Ações de prevenção e combate à homofobia – GLBTT	930.000,00	0

Fonte: Quadro de Detalhamento de Despesa referente à Lei Orçamentária Anual (LOA/2009) do Distrito Federal. Relatório emitido em 3/2/2010. Valores em R\$ 1,00.



Vejo em seu corpo um gosto da sua leveza.
 Retrato de festa, volta de serpentina de
 outros carnavais. Eu me equivocaria, afinal
 pra você há apenas suavidade – finda a
 temporada do medo. Tudo quanto não é
 minha vida está desculpado – você é um
 cretino, querido, um rematado cretino. Mas
 eu ainda aposto no ouro do seu coração.
 Minha angústia te perde de vista. Você
 não passa por minha rua.
 Somos hábeis, meu bem, só não temos saída.
 O que é feito hoje para ser um dia como
 outros tantos? Não me comove estar segura.
 Nem o jubileu da calamidade.
 Eu gosto do movimento. Você compreende?
 Eu gosto do que acontece.
 Quanto à liberdade, não se circunscreve a
 mim, mas se dilata, grassa, encharca tudo,
 liberdade endêmica.
 É escandaloso estarmos aqui inteiros.

Aline Cibele



Tanto suor derramado...
 Raras vezes valorizado
 Acabrunhado, o pobre operário...
 Briga pelo salário minguado
 Agora desempregado, tem o suporte do erário
 Largou o trabalho pesado...
 Hoje em dia... quem diria...
 Ostenta feliz seu cartão do bolsa-família...

Lauro Marques Dourado



Neologismo

Gostava de falar bem
Palavras difíceis ou mais alÉM
Brincava de ser intelectual
SÉria, chique, casual
Mas um dia de forma diferente e regular
Uma estranha palavra deixei escapar:
Moço, um guardanapo
Para me enguardanapar...

Georgien Milena



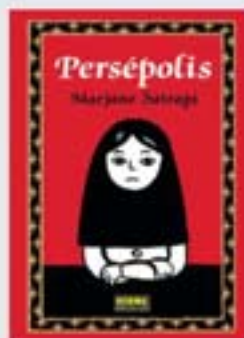
Boca (Fonética e Ética)

Passar batom, pasta de dente
Água quente e fio dental!
Comer granola na calçada
Acordar babada de madrugada.

Respiração efêmera
É boca-a-boca
Boca na boca
Doente, mas não é oca
Língua de sogra
É a sogra na língua
Língua na língua.
E cada língua proclama
Uma língua...
Enquanto isso, a lua minguava.

Telefonema, teorema
Conto popular e cantiga de fadas
Reza o ditado cantado: IÁ, IaiÁ...
Quem tem boca não mama
E, por não mamar chama!!!
E chora na cama.
Põe a boca no trombone
E se entope de torrone!
Trombone, torrone e cone
Come... e some!!!

Isabel Kelly Dias Amorim



Persépolis

Persépolis é um romance em quadrinhos singelo e lúdico que conta passagens autobiográficas da autora, Marjane Satrapi, e deu origem a um filme de animação inteligente e brilhante. O livro revela, através dos olhos de uma criança de dez anos, parte da história iraniana no contexto da ditadura imposta pelo xá (rei) no Irã, seguida pela "Revolução Islâmica" – golpe de Estado liderado por Ayatolá Khomeini, em 1979. Retrata também o bombardeio de Teerã, capital iraniana, ao longo da guerra contra o Iraque. Temendo pela vida de Marjane, que se atreva a pensar com liberdade, seus pais a enviam para a Áustria. Já adolescente, ela vivencia, em terra estrangeira, os conflitos do amor, da liberdade, da tristeza e da saudade. Ao voltar para o Irã, Marjane se depara com a necessidade de negociar, sobretudo, com suas ideias, seus sonhos e seus sentimentos. O livro é pura poesia, emoção e História.



Estômago

Com uma narrativa não convencional, o filme trata da relação entre os que devoram, os que são devorados... e os que cozinham. O protagonista, Raimundo Nonato (ou Nonato Canivete ou Alecrim), descobre seus dons culinários e a força que isso tem. Constrói e reconstrói a sua vida e a de outras personagens pelo prazer da gula. O que o ser humano não faz para comer bem? O filme é de dar água na boca e de fazer perder o apetite. No cardápio: poder, sexo, humor e... culinária. Recebeu vários prêmios no Brasil e no exterior. Tem no papel principal o ator João Miguel (O Céu de Suely; e Cinemas, Aspirinas e Urubus) e é o primeiro longa-metragem do diretor Marcos Jorge. (Drama, 112 minutos, 2008). Classificação indicativa: 16 anos.



Orquestra Popular Marafreboi

A orquestra é formada por quatorze músicos vindos de todo o Brasil e residentes em Brasília há mais de dez anos. A orquestra traz, de maneira animada, as raízes culturais da música popular brasileira. No nome, carrega a fusão de maracatu, frevo e bumba-meu-boi. Mas vai além: retoma ritmos e cores de ciranda, caboclinho, catira, aboio, coco, cavalo marinho e baião. Os arranjos preservam a essência musical dos ritmos e inovam nas combinações. Não há como ouvir e não dançar, não há como ver a movimentação e não se emocionar, não há como não se orgulhar de ser de um país tão rico de cultura.



Entrada do Cine Rapod



Espço externo ao Cine Rapod

de olho no orçamento

Ação	Autorizado	Liquidado
13.392.1300.9072.6727 Promoção de Atividades Culturais nas Regiões Administrativas e Entorno	75.000,00	49.520,00
13.392.1300.2007.6248 Promoção de Atividades Culturais no Gama	258.000,00	207.912,26
13.392.1300.6324.8615 (Ep) Apoio Ao Evento Cultural Duelo de Bandas no Gama	15.000,00	9.085,00
13.392.1300.2007.6391 Promoção de Atividades	524.000,00	105.187,20

Fonte: Quadro de Desdobramento de Despesa referente à Lei Orçamentária Anual (LOA/2009) do Distrito Federal. Relatório emitido em 30/2010. Valores em R\$ 1,00.

GAMA: RESPIRANDO CULTURA

Marianna Macêdo

Pode-se dizer que a população do Gama “respira cultura”. Com cerca de 140 mil habitantes, a cidade conta com uma variedade de artistas que se desdobra para levar à população um conjunto de expressões culturais. Mesmo com dificuldade de divulgação e de locais para a realização dos eventos, pois a infraestrutura deixa muito a desejar, o esforço dos artistas faz a diferença.

Em 2009, algumas obras foram feitas, como a do Estádio Bezerrão, com capacidade para 5 mil pessoas, e a do Anfiteatro, só que a cobertura do Anfiteatro não existe mais – foi derrubada pela chuva.

Dentre os espaços culturais, destaca-se o Galpãozinho, localizado próximo à rodoviária. Trata-se de um espaço rústico, que foi apropriado pela comunidade e onde se realizava a maioria dos eventos. No momento, não está funcionando. A reforma que nunca foi concluída e o espaço foi vandalizado.

No shopping da cidade não existem mais salas de cinema. Um ponto de referência era o Cine Itapoá, mas, assim como os outros, está esquecido. O único brilho que se vê é o das peças teatrais e das apresentações de artistas locais.

Cultura deveria ser prioridade política. A situação no Gama – bem como a falta de acesso à cultura, que se repete em várias cidades – sugere que todos(as) reflitam sobre as eleições, pois os nossos administradores parecem não estar nem um pouco desconfortáveis com isso.

Precisamos de planejamento e investimento em cultura no GDF, e que isso seja distribuído de maneira equilibrada a todas as cidades, que buscam apenas o seu direito. Espero que essa história mude e que o povo do Gama tenha espaço e condições de mostrar sua arte e fazer pulsar mais ainda a alma da cidade.

O Gama contado pelo Gama

Nada melhor do que as pessoas que vivem essa realidade para relatar sobre a cultura local. Confira as informações sobre algumas bandas e as opiniões dos artistas.

Banda Kani

Grupo de reggae composto por Junior Borges, Hudson de Jesus, Hugo Lins, Fabrício Pinto e Mariniilson Soares (o Nescou). A banda completou um ano em maio e relatou que a cultura da cidade não é totalmente apoiada pela administração, mas pelas pessoas que buscam fazer os eventos, com muita dificuldade. O nome da banda vem de um dialeto africano e significa “Força e Energia”. É isso que eles tentam passar para o público.

Anderson Schmidt, 27 anos, cantor e compositor

É morador do Gama e músico há quatro anos. Ele contou que a cultura local influenciou sua trajetória – algumas de suas composições foram inspiradas por momentos vividos na cidade. Sobre o Anfiteatro, Anderson acha que tem uma ótima estrutura para eventos ao ar livre. O único problema é que, quando chove, não há espetáculo. Para ele, os eventos culturais têm crescido visivelmente, com apresentações, shows e festivais, mas há pouquíssima divulgação. “A emancipação cultural do Gama não depende somente dos nossos governantes, mas também dos seus habitantes”.

Banda Mulé – Brasa de Brasília

A banda surgiu em julho de 2009, composta por Daniel Hifi, Day Medeiros, Diego Lima, Felipe Guima e Gustavo Black. O nome da banda, para eles(as), significa força (pelas realizações e lutas das mulheres) e fonte criadora (o ventre). Busca ideias de igualdade, paz, união e amor.

Para a banda, além da falta de incentivo do Estado, o fato de que a população não elege o(a) administrador(a) regional é um problema para o exercício da cidadania. “Nós, que fazemos parte da cultura local, ficamos sem espaço para movimentar as ideias e a cultura alternativa da cidade, o que é uma enorme pedra no sapato...”.

“Em Brasília, diferentemente de outras cidades do país, os(as) cidadãos(ãs) não exercem seu poder de voto confiando em alguém da sua localidade. Não votamos em um representante do Gama. Votamos em um governador, que tem dentro de sua chapa ‘conhecidos’ que cuidam de nossa localidade sem nem saber das carências culturais, tampouco outras. Apesar da falta de incentivo moral e monetário do GDF existem, sim, incentivos para a cultura no Gama, mas não do Estado!”, explica a banda.

Banda Destilados Blues

A banda surgiu há oito anos, composta por Marcos Sierra (guitarra e vocal), Edimar (guitarra), Delay (bateria) e Renio (baixo). O nome foi inspirado em uma banda da qual eles gostam muito, o Blues Etílicos.

Sobre os espaços culturais na cidade, Renio lamenta: “O Cine Itapoá está jogado, sem nenhuma estrutura. O Galpãozinho, que era maravilhoso, está abandonado, esperando socorro. O Anfiteatro é só para quem tem grana, pois os músicos daqui não conseguem tocar lá”. Segundo Renio, os diretores nomeados para desenvolver a cultura do Gama “não devem entender nem um pouco disso. Ficamos chateados, pois existem muitas bandas boas que querem e fazem algo em prol da cultura do Gama, como Kani, Negro Gato, Skatugua, Emerson Missun, Nego Claysson, Carlinhos Piauí, Cia. Lábios da Lua, entre outras”.

Para ele, o essencial está na vontade de fazer e fazer bem feito. “Às vezes, nós [os músicos] tomamos a frente da coisa com a cara e a coragem, sem patrocínio, e conseguimos fazer”.



FLORESTA DE CABEÇA PARA BAIXO

Joana Plantino Biachetti

O CERRADO, O SEGUNDO MAIOR BIOMA BRASILEIRO, PODERÁ EXTINGUIR-SE EM 20 ANOS SE O RITMO DE DESMATAMENTO CONTINUAR

Galhos retorcidos, cascas grossas, árvores baixas com raízes profundas, terra vermelha – este é o Cerrado, o segundo maior bioma da América do Sul e a savana mais rica do mundo. Está presente em dez estados e no DF. Não é pouca coisa: sozinho, abriga 5% de toda a diversidade da planeta e se estende por uma área de mais de 2 milhões de quilômetros quadrados (quatro vezes o tamanho do estado de Minas Gerais!).

A maior parte da biomassa, porém, está escondido debaixo da terra. Suas árvores possuem raízes gigantescas, que são até três vezes maiores do que a parte exterior da planta. É um tesouro escondido, do qual poucas pessoas têm conhecimento. Uma verdadeira “floresta de cabeça para baixo” – termo batizado pelo escritor goiano Carmo Bernardes.

Lar de mais de 1.500 espécies, o Cerrado forma o segundo maior conjunto de animais do planeta. Cerca de 50 dos 100 espécies de mamíferos estão nesse bioma. Ele apresenta mais de 830 espécies de aves, 150 de anfíbios e 120 espécies de répteis.

Devido à ação exploratória do homem, o Cerrado passou por grandes modificações. A consequência imediata disso é a ameaça de extinção de algumas espécies. Entre elas estão o tamanduá-bandeira, a anta, o lobo-guará, o pato-mergulhão, o falcão-de-peito-vermelho, o tatu-bola, o tatu-canastra, o cervo, o cachorro-vinagre, o onça-pintada, a ariranha e a lontra.

CERRADO X AGRONEGÓCIO



Dono de uma rica flora com mais de 10 mil espécies de plantas, sendo 4 mil exclusivas desse bioma, o Cerrado tem perdido rapidamente sua extensão. Atualmente, a maioria das terras do Cerrado é privada, e o desmatamento é impulsionado pelo capital privado, inclusive – imaginem só! – por um dos principais bancos públicos, o BNDES.

Segundo dados do Ministério do Meio Ambiente, 2% da área total do Cerrado é destruída anualmente. Nesse ritmo, metade da área original do bioma já foi devastada e o Cerrado poderá extinguir-se em 20 anos. Com a expansão agrícola, o bioma está sendo apagado do mapa para dar lugar a plantações de soja, que é a sua principal vilã.

Considerado uma gigantesca caixa d'água, “o Cerrado é fonte da maior parte do manancial de águas do país e não pode ser prejudicado pelo agronegócio”, disse Carlos Minc, então ministro do Meio Ambiente. Um dos motivos que chamou a atenção da agropecuária para o Cerrado foi o fato de que este esteve durante muito tempo fora dos debates conservacionistas.

Enquanto pesquisadores, organizações e estudiosos se voltam para a proteção da Amazônia, o Cerrado fica no esquecimento. Embora haja uma grande diferença física entre esses dois

MEIO AMBIENTE



• Bioma: conjunto de diferentes ecossistemas; comunidade de plantas e animais, geralmente de uma mesma formação, interagindo entre si e também com o ambiente físico, em uma determinada área geográfica.



gigantescos biomas, o problema é o mesmo: o desmatamento. A Amazônia é sempre a primeira citada quando surge o tema, mas o que poucos sabem é que o Cerrado é três vezes mais atingido. A taxa de destruição do Cerrado é de 14 mil km² por ano. Já na Amazônia, no ano de 2009, o desmatamento chegou ao menor índice da história: 7 mil km².

Com base nesse cenário, o Ministério do Meio Ambiente formulou o Plano de Ação para Prevenção e Controle do Desmatamento e das Queimadas no Cerrado (PP-Cerrado), um programa semelhante ao que vem sendo implementado na Amazônia, no qual deverão ser investidos R\$ 400 milhões até 2011. O plano tem como objetivo promover o controle do desmatamento e o monitoramento das áreas do bioma Cerrado para melhorar a fiscalização ambiental.

CERRADO FORA DA LEI



Um dos motivos que contribuem para esse rápido declínio é o fato de o Cerrado ser um dos biomas que não são protegidos por lei. Na legislação brasileira são considerados patrimônios nacionais: a Amazônia, a Mata Atlântica, a Serra do Mar, o Pantanal mato-grossense e a Zona Costeira. Os biomas Pampa, Cerrado e Caatinga ficaram de fora da Constituição.

Existe uma Proposta de Emenda à Constituição (PEC 115/95) que modifica o parágrafo 4º do art. 225 da Constituição Federal, incluindo o Cerrado na relação dos biomas considerados patrimônios nacionais, e que tramita no Congresso há 15 anos! Em junho de 2010, organizações não-governamentais (ONGs) reuniram mais de 70 mil nomes num abaixo-assinado entregue ao Congresso Nacional, pedindo urgência na votação da PEC.

O CASO DO NOROESTE EM BRASÍLIA



A expansão imobiliária é outro fator que afeta o Cerrado brasileiro. O mais novo e bilionário projeto do DF é o setor Noroeste, que vai ocupar 821 hectares dentro da área tombada de Brasília. Apesar de ser o primeiro bairro "ecológico" do país – que prevê a utilização da energia solar, o reaproveitamento da água da chuva e o recolhimento de lixo a vácuo –, o empreendimento é duramente criticado por entidades ambientalistas do DF por remover os indígenas de diferentes etnias que vivem no local e por derrubar parte do último remanescente de Cerrado virgem na área tombada da capital.

de olho no orçamento

Ação	Autorizado	Liquidado
18.541.4400.2428.0001 – Manutenção de áreas protegidas no Distrito Federal	930.000,00	0

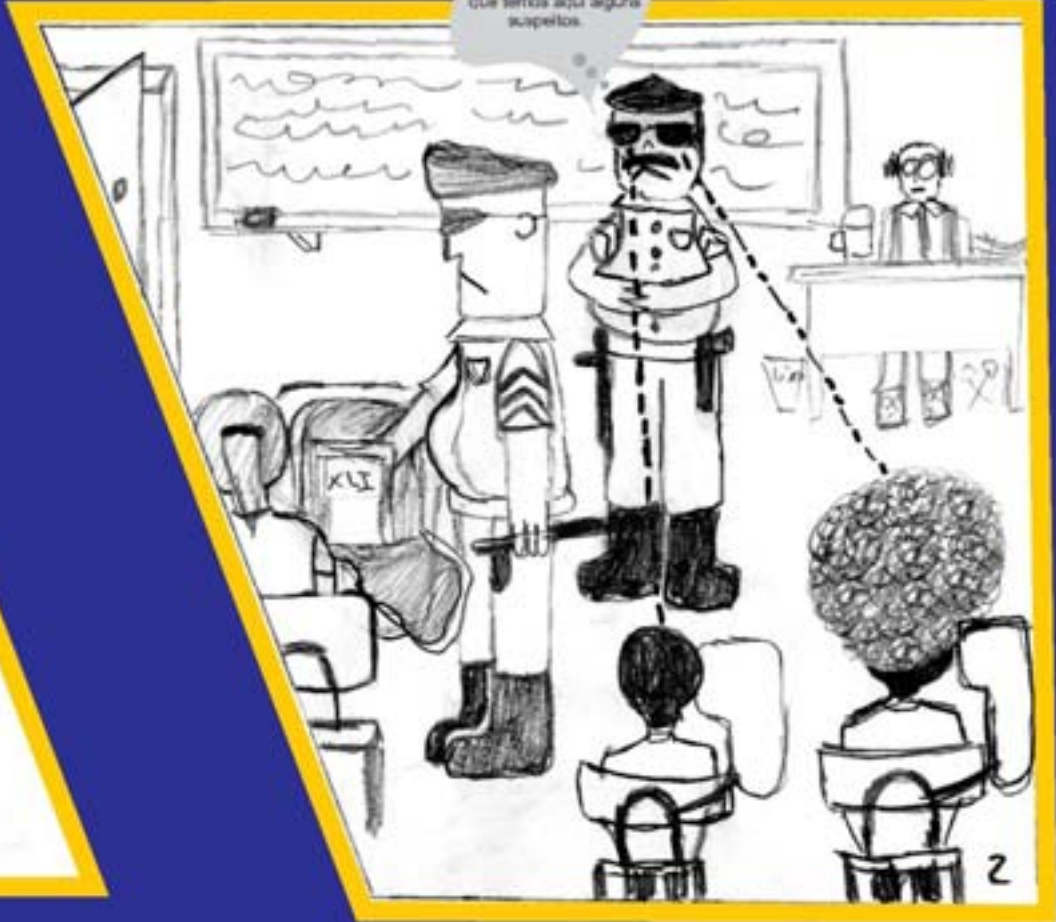
Fonte: Quadro de Detalhamento de Despesa referente à Lei Orçamentária Anual (LOA/2009) do Distrito Federal. Relatório emitido em 3/2/2010. Valores em R\$ 1,00

NUM DIA COMUM NA ESCOLA, A POLÍCIA É CHAMADA. O MOTIVO: A VIOLÊNCIA NOS ARREDORES DO COLÉGIO

Desenhos
Rafael Silva
Texto
Matheus Maia e Luana Barreto



E, parece que temos aqui alguns suspeitos.



FÁBRICA DE PRECONCEITOS



GRANDE PARTE DA MÍDIA PASSA A MEIA DE QUE OS JOVENS DE PERIFERIA - PRINCIPALMENTE OS NEGROS - SÃO OS GRANDES CULPAZOS PELO CAOS VIVIDO NAS CIDADES. SERÁ MESMO?

Aline Maia Nascimento e Raquel Ferreira

Todas as manhãs, quando acordo e me olho no espelho, o que vejo refletido é uma garota de bem com a vida, com muitos sonhos e esperanças, que tem o simples desejo de andar pela cidade, livre de qualquer acusação pré-estabelecida por ser negra.

Ligo a televisão para saber as primeiras notícias do dia e, para a minha surpresa, a mídia não me vê como de fato sou. Pelo menos uma parte dela condena o meu presente e até o meu futuro. A impressão que alguns jornais passam é que os negros, em especial do sexo masculino, são agressivos, arruaceiros, malandros, traficantes, e que a sociedade está mais segura se ficar longe de nós. O mais revoltante e contraditório é que esses meninos são as principais vítimas da violência.

A violência atinge homens e mulheres de maneiras diferentes. Elas são alvos da violência tanto nas ruas quanto em seus próprios lares. De acordo com um relatório da Organização Mundial da Saúde (2005), a cada 18 segundos uma mulher é agredida no mundo e, na maioria das vezes, pelo marido, companheiro ou namorado.

Para a assessora do Inesc, Eliana Graça, a violência que atinge as mulheres negras é decorrente de uma série de desigualdades,

agravadas por várias formas de violência que se misturam cotidianamente. "Piores salários, ameaças, estupros, espancamentos, inclusive por companheiros, assédios, torturas psicológicas... A violência sexual é recorrente, e não é raro as adolescentes e jovens negras serem tratadas como prostitutas (com todo o respeito às trabalhadoras do sexo!)".

Segundo Eliana, os estudos nacionais sobre a violência não foram capazes de dar visibilidade à situação das mulheres negras. "A letalidade dos jovens negros é facilmente notificável, mas ainda não há estatísticas sobre como as meninas e as mulheres sofrem a violência no dia-a-dia", avalia.

Quando as vítimas são os(as) filhos(as) da elite, há grande comoção na imprensa. Quando são os(as) filhos(as) da periferia, viram apenas estatísticas – como se isso fosse a ordem "natural" das coisas. São raras exceções as matérias que tratam editorialmente, com a abordagem adequada, as desigualdades e os crimes contra a população em situação de exclusão social.

Os meios de comunicação poderiam contribuir muito se buscassem as causas da violência, denunciando as situações de violação de direitos, mas também ajudando no debate de como superá-las, garantindo os direitos. Para isso, seria interessante que a juventude tivesse mais espaço para dizer o que pensa – sempre considerando uma relação de respeito e garantindo sua integridade e segurança. De acordo com

JOVENS NEGROS SÃO AS PRINCIPAIS VÍTIMAS DE HOMICÍDIOS

Pesquisa feita no Brasil em 2009 revela que 13 a cada mil adolescentes, na faixa de 12 a 18 anos, são assassinados por dia. Estima-se que o número de adolescentes assassinados entre os anos de 2006 e 2012 ultrapasse os 33 mil, se não houver mudanças.

O risco de homicídio é 12 vezes maior para os meninos, em comparação com as meninas, e mais do que o dobro para negros em relação aos brancos.

Fonte: Índice de Homicídios na Adolescência (IHA). Análise preliminar dos homicídios em 267 municípios brasileiros com mais de 100 mil habitantes (2006).

Parceria: Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República, Fundação Nações Unidas para a Infância (Unicef), Observatório de Favelas e Laboratório de Análise da Violência-LAV/UERJ.



INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA NA MÍDIA

A Rede Andí (Agência de Notícias dos Direitos da Infância) fez uma pesquisa em 12 países da América Latina e analisou mais de 795 mil textos que dizem respeito aos direitos e à qualidade de vida de crianças e adolescentes, publicados por 130 jornais durante os anos de 2005, 2006 e 2007.

Segundo avaliação da Rede Andí, "se, por um lado, é significativo o aumento da quantidade de notícias, por outro, os resultados da pesquisa apontam para uma cobertura ainda pouco comprometida com a fiscalização das políticas públicas implementadas pelos Estados e com a defesa de um desenvolvimento mais inclusivo".

pesquisa da Agência de Notícias dos Direitos da Infância (veja abaixo), em 2007, crianças e adolescentes latino-americanos(as) marcaram presença em apenas 5 de cada 100 oportunidades para que fossem ouvidos(as) em textos jornalísticos.

A mídia tem um grande poder na sociedade, pois dita modelos e cria realidades. Um fato pode ser abordado de várias maneiras, dependendo de qual ponto de vista é retratado e da forma que é (ou não) contextualizado. Isso tem impacto direto na formação da opinião pública, permitindo que muitos(as) dos(as) telespectadores(as), ouvintes e leitores(as) reproduzam posições de intolerância, discriminação e racismo, mesmo que velado. Prova disso é o que temos que enfrentar dia após dia.

“Onde você guarda seu racismo?”

Essa campanha foi lançada em 2004 por mais de 40 organizações da sociedade civil e teve a adesão de vários veículos de comunicação. A iniciativa teve como base o resultado de uma pesquisa, em que 87% dos(as) brasileiros(as) acreditavam na existência do racismo, mas somente 4% se diziam racistas. Como pode haver racismo sem racistas?

“Parada de ônibus lotada, e lá estava eu em Sobradinho, esperando a condução para voltar para casa. De repente, uma viatura freia, três policiais descem do veículo e apontam suas armas para mim. Um deles diz: “levante-se e coloque as mãos na parede”. Eu prontamente obedeci. Pensei: “fú#@#%! Será que vou apanhar ou ser preso? Por que, se não fiz nada de errado?”. Quando perceberam que eu era estudante, foram embora, mas foram agressivos. E minha mente assimilou: “racismo, com certeza!” (Eli Souza, 18)*

Não quero dizer que não existem jovens negros que cometem crimes. Penso que se existem meninos e meninas nessas condições, é porque eles tiveram muitos de seus direitos negados.

Direitos são direitos, não são mercadorias (isso não é barganha!). O acesso ao ensino de qualidade, ao esporte, à cultura, ao lazer e à saúde

deve fazer parte do cotidiano de todos os meus colegas de periferia, assim como faz parte da vida do filho de um ator global! Isso não é favor do Estado, mas uma de suas muitas obrigações, cujo dever maior é promover dignidade a todo cidadão e cidadã.



RACISMO É CRIME

A Constituição Federal, em seu artigo 5º, diz que “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza”, e especifica que “a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei” (inciso XLII).



A Lei nº 7.716/89, em seu artigo 20, define: “Praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional. Pena: reclusão de um a três anos e multa (...)”

reclusão de um a três anos e multa (...)

§ 2º Se qualquer dos crimes previstos no caput é cometido por intermédio dos meios de comunicação social ou publicação de qualquer natureza, Pena: reclusão de dois a cinco anos e multa”.

A denúncia pode ser feita em qualquer delegacia ou no Ministério Público.

DE QUÊ NO ORÇAMENTO

Ação	Autorizado	Liquidado
14.422.0100.6032.0004 – Manutenção e funcionamento do Conselho de Defesa dos Direitos do Negro no Distrito Federal	85.487,00	68.872,01
14.421.0208.6199.6287 – Apoio ao Negro e aos Afrodescendentes	0	0

Fonte: Quadro de Detalhamento de Despesa referente à Lei Orçamentária Anual (LOA/2009) do Distrito Federal. Relatório emitido em 3/2/2010. Valores em R\$1,00.

Alguns dados do Brasil

- Menos de 2% dos textos mencionam a legislação específica (Estatuto da Criança e do Adolescente);
- Aproximadamente 15% das notícias discutem políticas públicas relacionadas, e a mesma média reflete-se naquelas que abordam soluções;
- Das matérias que tratam de violência, houve um aumento na porcentagem de textos que usam termos pejorativos: de 11%, em 2005, para 17% em 2007.

Fonte: “Direitos, Infância e Agenda Pública: Uma análise comparativa da cobertura jornalística latino-americana 2005-2007”, Rede Anli.

Saiba mais
www.anli.org.br



A JUVENTUDE NEGRA SE ORGANIZA

As análises e propostas do Encontro Nacional de Juventude Negra (Enjune), realizado em 2007, incidiram politicamente na Conferência Nacional da Juventude. Entre as deliberações prioritárias, estão:

- 1) O reconhecimento e a aplicação, pelo poder público, transformando em políticas públicas de juventude, as resoluções do 1º Encontro Nacional de Juventude Negra (Enjune), priorizando as mesmas como diretrizes étnico/raciais de/para/com as juventudes.
- 2) A implementação de políticas específicas de extinção do genocídio cotidiano da juventude negra que se dá pelas políticas de segurança pública, ação das polícias (execução sumária dos jovens negros/as e tortura), do sistema prisional e a ineficácia das medidas socioeducativas que violam os direitos humanos; e de saúde, que penalizam especialmente a jovem mulher negra.
- 3) A aprovação imediata do Estatuto da Igualdade Racial, com a criação de um fundo governamental para o financiamento de suas políticas.*

* Em 2010, o Estatuto aprovado alterou o texto original apresentado pelos movimentos sociais

DIREITOS VIOLADOS DIREITOS CONQUISTADOS



POR TRÁS DO SILÊNCIO

Paula Gabriela B. Castillo

Vergonhosa realidade do Brasil é a violência sexual contra crianças e adolescentes, algo que causa temor, indignação e inquietação de toda a sociedade.

“As denúncias revelam que a maioria dos abusos é praticada em casa e a maioria dos agressores trata-se de pessoas próximas das crianças e dos adolescentes, como parentes, vizinhos e até amigos da família”, informa Karina Figueiredo, assistente social do Centro de Referência, Estudos e Ações sobre Crianças e Adolescentes (Cecria) e atual secretária-executiva do Comitê Nacional de Enfrentamento à Violência Sexual de Crianças e Adolescentes.

Karina conta que são vários os fatores que geram a violência. “Existe a dimensão cultural, na qual a ideia de que a mulher é propriedade do homem é afirmada a todo instante; a questão psicológica, econômica...”. Ela chama a atenção para o fato de que “nem todo agressor sexual é pedófilo. Pedofilia é um transtorno psicológico”. Ou seja, a violência tem muitas causas e, entre os agressores, há muita gente perversa no mundo que se apoia na cultura machista e racista, bem como na fragilidade das meninas e dos meninos que não conhecem seus direitos (por isso é tão importante estudar e discutir o ECA na escola!). Outros agressores são portadores de uma grave doença que exige tratamento imediato.

A pobreza também é um fator importante. Márcia Acioli, assessora do Inesc, explica: “desesperadas pela sobrevivência e sem noção sobre os direitos, muitas mães preparam as suas crianças e as treinam para programas sexuais. Situação que ocorre em vários estados brasileiros e no Distrito Federal”.

O problema é sério, existe e atinge milhares de crianças e adolescentes no Brasil e no mundo. Dados apresentados pelo Ministério da Justiça indicam que um milhão de crianças no mundo são vítimas de exploração sexual. Destas, 300 mil estão no Brasil.



Em relação aos danos e às possibilidades de denúncia sobre a violência, Malu Moura, professora da Universidade Católica de Goiás e integrante do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (Conanda), diz que crianças e adolescentes precisam se sentir seguros(as), amparados(as) e confiantes. Isso pode acontecer na relação com um(a) professor(a), um(a) parente, um(a)



amigo(a) ou um(a) profissional. No entanto, a pessoa assustada e violentada também tem dificuldades em confiar. “O processo deve ser no ritmo da necessidade de cada um(a), mas é essencial uma rede de proteção que atenda tanto a criança quanto a sua família”, orienta a professora.

Segundo Malu, muitas crianças atendidas ajudam outras, motivando-as a fazer a denúncia. “O que preocupa é o silêncio, que permite a continuidade da violência e, ainda, não possibilita que a criança ou o adolescente tenha acesso ao tratamento adequado. Denunciar ajuda a combater a violência”, alerta.

A conselheira também esclarece que, em geral, para a menina é mais fácil denunciar. O menino também enfrenta dificuldades impostas pela cultura machista, que cria outros constrangimentos vinculados à sua masculinidade. “Como a menina já é mais vista como vítima, ela tem mais facilidade [coragem] para pedir socorro”, explica.

Segundo dados (de 2003 a 2009) do Disque 100, serviço de denúncia gratuito de exploração e abuso sexual, cerca de 80% dos(as) denunciadores são vítimas do sexo feminino e 20% são do sexo masculino.

Quanto aos danos, Malu ressaltou que “a violência é uma experiência que pode ser superada. Com apoio e atendimento adequado, as crianças e os adolescentes têm chances de superar a experiência e tocar a vida normalmente”. O mais importante disso tudo é a possibilidade de que a pessoa que sofreu qualquer tipo de violência, independentemente de ter sido a sexual, retome a vida com saúde emocional. Sem dúvida, é uma experiência que marca e traz consequências gravíssimas se as vítimas não receberem o tratamento técnico e o amparo humano adequados.

O Brasil reage

Para alertar sobre situação, o Brasil instituiu, desde 2001, pela Lei nº 9.970, a data de 18 de maio como Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes. É uma data de mobilização para atividades em todo o país: passeatas, manifestações, audiências públicas, sessões de cinema e teatro sobre o tema, debates.

A sociedade civil e o poder público se juntaram para criar os Planos Nacional, Estaduais e Municipais de Enfrentamento à Violência Sexual Infanto-Juvenil, que prevêm ações que vão desde a prevenção até o atendimento de meninos e meninas vítimas da violência.

A Pesquisa Nacional sobre o Tráfico de Mulheres, Crianças e Adolescentes (Pestraf) foi realizada em 2002 e mapeou 241 rotas de tráfico de pessoas para fins de exploração sexual (que resulta numa relação comercial). Desse total, 131 rotas eram internacionais, 78 interestaduais e 32 intermunicipais. O trabalho é uma das maiores referências sobre o problema no Brasil e serviu como ponto de partida para os trabalhos da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI), instalada no Congresso Nacional entre 2003 e 2004, que investigou a prática da exploração sexual comercial de crianças e adolescentes no país. Ao todo, a CPMI pediu o indiciamento de mais de 200 pessoas em todo o Brasil.

Segundo Karina Figueiredo, mesmo que o Brasil tenha avanços importantes, ainda falta muito para garantir a universalização dos serviços e a qualidade necessária para atender as reais necessidades do país.

Qual é a diferença entre violência, abuso e exploração sexual?

Violência sexual: grave violação de direitos, que pode se dar pelo abuso ou pela exploração sexual.

Abuso sexual: "violência sexual delituosa de crianças e adolescentes que nega o direito ao exercício de sua sexualidade em desenvolvimento de forma segura e protegida". A violência sexual pode ocorrer por contatos físicos, como carícias não desejadas, penetração (oral, anal ou vaginal com pênis ou objetos), masturbação forçada, entre outros contatos. Pode ocorrer também sem contato físico, como por exposição obrigatória de material pornográfico, exibicionismo e uso de linguagem erotizada em situação inadequada. Atitudes como levar jovens a assistir ou a participar de práticas sexuais de qualquer natureza envolvendo crianças e adolescentes também constituem características desse tipo de crime.

Exploração sexual comercial: "violência contra crianças e adolescentes, que se contextualiza em função da cultura (do uso do corpo), do padrão ético e legal, do trabalho e do mercado". Trata-se de uma relação de poder e de sexualidade, mercantilizada, que visa à obtenção de proveitos por adultos, e causa danos biopsicossociais aos(as) explorados(as), que são pessoas em processo de desenvolvimento.

Pornografia: produção, divulgação, exibição, distribuição, venda, compra, posse e utilização de material pornográfico. "Por utilização de criança na pornografia se entende toda representação, por qualquer meio, de uma criança dedicada a atividades sexuais explícitas, reais ou simuladas, ou de toda representação das partes genitais de uma criança com fins primordialmente sexuais". A utilização da pornografia na internet constitui hoje um dos principais problemas da pornografia infantil.

Fonte: Caderno Temático: Direitos Sexuais são Direitos Humanos (Coletânea de Textos). Org.: Neide Castanha. Comitê Nacional de Enfrentamento à Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes.

de olho no orçamento

Ação	Autorizado	Liquidado
08.244.1461.3012.0001 Construção de Centros de Referência da Assistência Social	1.283.687,00	206.910,32
08.244.1461.3903.7885 Reforma de Centros de Referência da Assistência Social	500.000,00	0

Fonte: Quadro de Detalhamento do Despesa referente à Lei Orçamentária Anual (LOA/2006) do Distrito Federal. Relatório emitido em 3/2/2010. Valores em R\$ 1,00.

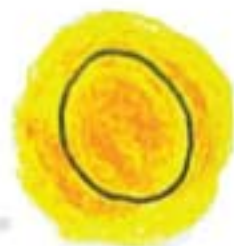
Denuncie e procure ajuda Você não está sozinho(a)!

O primeiro passo para enfrentar o problema é a denúncia. Ligue para o Disque 100 (ligação gratuita e que garante o anonimato de quem denuncia). Procure ajuda no Conselho Tutelar de sua cidade; no Centro de Referência Especializado de Assistência Social, que oferece atendimento psicológico às vítimas; ou no Centro de Atendimento Psicossocial, com atendimento para saúde mental e terapia para a vítima e para o agressor.

Escola que protege

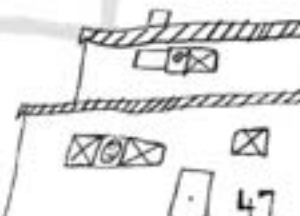
É um projeto do governo federal que defende os direitos de crianças e adolescentes, juntamente com a escola, que se coloca como um espaço de proteção, formação e capacitação de profissionais da educação para atuar no enfrentamento à violência e à exploração sexual de crianças e adolescentes. Mais de vinte universidades participam do projeto, entre elas a Universidade de Brasília.

Saiba mais
escolaqueprotege@mec.gov.br
Fone (61) 2104-9469



Homenagem a Neide Castanha

Neide Castanha foi uma importante amiga de crianças e adolescentes do país. Ela não mediu esforços para mobilizar o Brasil e colocar na agenda nacional o enfrentamento à violência e à exploração sexual de crianças. Neide faleceu no dia 26 de janeiro de 2010, vítima de câncer. Tinha 55 anos, era assistente social e fez parte do Conselho Diretor do Inesc.



SE O MAIS BONITO É SER UNICO, POR QUE QUERER SER IGUAL?

Madmana Salem

Cada vez mais, as mulheres buscam a perfeição física, o que é muito contraditório, porque isso simplesmente não existe. Não há regra que defina como deve ser seu cabelo ou seu nariz, não existe mulher-padrão, mas, ainda assim, algumas garotas estão dispostas a sofrer para alcançar o inatingível.

Como poderia existir apenas um "jeito de ser", num mundo como o nosso, cheio de cor e diversidade, onde as pessoas são naturalmente diferentes? Se o mais bonito é o fato de ser único, por que querer ser igual? A mídia influencia bastante, e a maioria dos veículos de comunicação e as revistas destinadas ao público adolescente criam estereótipos e nos submetem a um enorme conteúdo que apenas serve para manipular mentes, só para fazer o mercado crescer, só para aumentar a enorme insatisfação que dia-a-dia é abastecida por todo sentimento de inferioridade e incapacidade.

A cobrança é muito grande. Aos poucos, algumas garotas se esquecem do que são e tentam ser como as "meninas" da TV. Desta forma, fazem exatamente o que se esperava que elas fizessem, ou seja, tornam-se artificiais, superficiais, magrelas e fúteis.

Mas até que ponto pode-se chegar? Pessoas vivem se torturando, colocando a saúde em risco, e se depreciam. Em algum momento, a ficha cai, e constatamos que é impossível ser daquele jeito.

tudo para você ficar
deslumbrante.

→ Fique de olho
O óculos certo pode ser
bonita!

COPIE E ARRASE!

SILHUETA
ENXUTA

com dicas e soluções
maquiagem, coloração,
estética, tratamentos
e muito mais. Aqui tem
tudo para você ficar
deslumbrante.

com dicas e soluções

fica mais fácil
escolher o colar que
combina com o seu look

Além de dar
um toque
fashion ao
look

14 hábitos para emagrecer

QUANTO MAIS
se incomodam com o peso e fazem mil dietas para emagrecer,
outras fazem de tudo para ganhar
peso e dar uma turbinada mais coz
MAIS FINAS

ARRASAR
MENINAS

Será que eu sou r

Ganhe no detalh

Uma sombra com a cor do momento, um leve brilho
em um lacinho na cabeça fazem toda a diferença no l

Viva de bem com

Quero emagrecer

tudo para você ficar
deslumbrante.

deixar você mais

BELEZA



FOQUEIRA, EU???

revela os segredos para as mulheres ficarem mais lindas

ANQUE SUAVES

estética

Impressionar naquele lindo vestido em um dos momentos mais importantes da sua vida, nada melhor do que enxugar seis quilos com uma dieta especial

Qual o tipo perfeito de garoto para você?

Normal?



Além dos produtos básicos para preparar a pele (corretivo, base, etc.), você vai precisar de um pincel chanfrado e sombra ou lápis na cor preta, sombra rosa, blush rosa, gloss rosa-claro e máscara para cílios.

a balança

Passe a tesoura!

Qual o tipo perfeito de garoto para você?

Vergonha do corpo

É como se nossos valores estivessem completamente invertidos; é como se não importasse ser “de verdade”, espontânea, real. Como se sua própria opinião sobre você não valesse, mas o que pensam de você e como veem você.

Ninguém se importa se você é legal ou inteligente, apenas se você está magra o suficiente e se seu cabelo está na moda e se você é alta... Sem contar que a maioria retratada como “bela” é branca, sendo ínfimo o espaço para meninas negras e indígenas. Uma série de coisinhas que vão tomando uma proporção horrível e frustrando, frustrando, até fazer algumas meninas definharem.

Essa mídia que, maquiadamente, induz as mulheres à anorexia, à bulimia, à depressão e ao consumo desenfreado, finge ao mesmo tempo se importar com a beleza interior e com a autoestima. Na verdade, cria um estereótipo de perfeição que é simplesmente inalcançável e que muda todos os dias, como se seu maior objetivo fosse nada mais, nada menos do que fazer de suas espectadoras escravas do consumo e da “autodesvalorização”.

Diariamente, e até sem perceber, milhares de garotas são bombardeadas de ideias negativas sobre elas mesmas, ou seja, a mídia diz quem elas devem ser, o que elas devem vestir e como devem se comportar, transformando cada garota em só mais uma caixa vazia, superficial e tola. É o que fazer? Dar um basta às caixas vazias: a moda agora é garotas cheias de conteúdo e únicas, quase tão profundas quanto um abismo.



Deu isto ou aquilo

Obrigada, Cecilia Meireles



4



5



6



10



11



12

Concepção Isabel Amorim • Abriç Danielle Rodrigues Ferreira • Ator Matheus Maia
Produção Raquel Rodrigues Ferreira • Fotografia Lila Rosa



1



2



3



7



8



9



13



14



15

Juventude x guerra: quem ganha e quem perde?

Artur Ribeiro

A situação dos jovens nos países onde há ocupação militar atualmente é revoltante, algumas patrocinadas pelos imperialistas americanos, em alguns casos com a ajuda europeia. Especialmente, no Haiti, a ocupação é liderada por brasileiros. Quem ganha com as guerras e as ocupações militares? Com certeza não é a juventude: a faixa etária com maior número de mortes no Afeganistão é entre 6 e 14 anos. Que perigo uma criança de 10 anos tem a oferecer para o exército estadunidense?

O Haiti foi a primeira república negra no mundo – o primeiro país a abolir a escravidão – e conseguiu sua independência no século 19. O país, que foi colônia francesa, exportava mais de dois terços da cana-de-açúcar do mundo. Em um belo dia (que demorou anos), os escravos de lá resolveram se rebelar contra a colônia, expulsaram os franceses da ilha e formaram um Estado negro.

Em 1802, Napoleão Bonaparte enviou tropas para destituir o líder haitiano François-Dominique Toussaint Louverture, que – após meses de combates – aceitou um armistício, mas foi traído, acabou preso e deportado para a França, onde morreu dois anos depois. Os ex-escravos reagruparam-se. Os franceses foram derrotados e, em janeiro de 1804, o país foi declarado independente e ganhou o nome de Haiti, dado pelos antigos habitantes, índios Aruak.

O preço da liberdade foi a herança da “dívida francesa”. O Haiti teve que se comprometer a pagar uma indenização gigantesca: uma fortuna que atualmente equivaleria a 21 bilhões de dólares ou a 44 orçamentos totais do Haiti de nossos dias. Para pagar a dívida, passaram a ser escravos dos bancos dos Estados Unidos.

Os EUA invadiram o Haiti em 1915 e por lá permaneceram por 19 anos. Não se atreveram a restabelecer a escravidão, mas impuseram o trabalho forçado para as obras públicas, com extrema violência. Deixaram em seu lugar uma Guarda Nacional treinada para exterminar qualquer possível ensaio de democracia. “E assim, de ditadura em ditadura, de promessa em traição, somaram-se as desventuras e os anos”, resume o jornalista e escritor Eduardo Galeano, no artigo “A maldição branca”.

Somente em dezembro de 1990 foi realizada a primeira eleição livre para presidente da história do Haiti. O vencedor foi Jean-Bertrand Aristide, ex-padre católico associado à

teologia da libertação. Meses depois, foi deposto por um golpe militar. Aristide exilou-se nos EUA, e o governo americano impôs um embargo que sufocou ainda mais a economia do país. Em 1994, Aristide voltou ao poder com o apoio dos EUA. René Préval, do mesmo partido, foi eleito presidente (1996-2001) e, posteriormente, foi sucedido por Aristide.

Em 2003, a oposição passou a clamar pela renúncia do presidente. No ano seguinte, ex-integrantes do exército haitiano deram início a um levante militar. Aristide foi retirado do país por militares norte-americanos, contra a sua vontade, e conseguiu asilo na África do Sul. O sucessor dele, o presidente do Supremo Tribunal, assumiu a presidência interinamente e pediu a assistência da Organização das Nações Unidas. A Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti (Minustah) está no país desde 2004, liderada pelo Brasil. René Préval foi reeleito em 2006, desta vez fora do partido de Aristide.

Hoje no Haiti morrem jovens que se recusam a estar em casa às oito da noite, morrem haitianos roubando por fome, morrem haitianos que protestam contra a ordem vinda de outro país e morrem brasileiros que reprimem os haitianos.

No Afeganistão, a guerra é chamada de antiterrorista: matam-se crianças com pretexto de dominar a exploração de petróleo. Na Palestina, os norte-americanos ajudam a fortalecer o governo sionista de Israel num país de maioria islâmica. No final, os jovens desses países, inclusive os estadunidenses, morrem pegando em fuzis para defender interesses duvidosos.

Os bancos lucram emprestando dinheiro para os países investirem em armas. Os EUA também lucram com o petróleo. Já o Brasil ganha a chance de se sentar na cadeira do Conselho de Segurança da ONU, enquanto a máfia ganha dinheiro vendendo armas para as milícias de resistência em troca do sangue derramado da juventude nesses países.

A única maneira de reverter esse quadro é ganhando as ruas, mostrando em escala mundial que a juventude não precisa de guerras e que, se as organizações internacionais querem fazer alguma coisa pelos países, zerem a dívida externa do Haiti! Permitam eleições democráticas na Palestina! Procurem armas nucleares nos EUA! “O senhor da guerra não gosta de crianças...” (Renato Russo).





Realização



Apoio



Encarte Anexo

Oficina 1

DIREITOS

A oficina de Direitos Humanos é baseada no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e na Convenção Sobre os Direitos da Criança. Nessa oficina, os grupos criam personagens por meio da pintura em grande escala. As trajetórias dos personagens são desenhadas. Nessa experiência, é abordada a história do movimento político que criou o ECA. Também são trabalhadas as conexões de diversas lutas por crianças e adolescentes, universidade, sustentabilidade e sustentabilidade e sistemas de garantia de direitos. O principal do processo integral é tratado como contraponto à doutrina da exceção singular do Código de Menores.

Oficina 2

PARTICIPAÇÃO

Essa oficina é realizada em duas etapas. Na primeira, o foco está na noção de poder, territorialização e democracia. Abordamos dois modelos em pequenos grupos. Cada um recebe um tema para estimular o debate sobre poder, territorialização, participação e democracia. Os/as adolescentes registram os temas, debates, argumentos e colagem de textos e imagens em cartazes. Quando os cartazes estão prontos, são apresentados no grande grupo, discutidos e memórias do diálogo dos grupos são registradas e feita um debate mais amplo com a participação de todos/as.

Na segunda parte, a oficina trata da organização do Estado brasileiro. Os grupos recebem tarefas para que escrevam em cada uma o nome de uma instituição do órgão público que também (disponha, exerce, libere) legislação, normativa pública etc). Em seguida, inicia participação coletiva na territorialização e campo a que pertencem: Poder Legislativo, Executivo ou Judiciário. O debate é aberto para que alunos e alunas questionem e estabeleçam a lógica da organização dos Poderes.



Oficina 3

ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

O ponto de partida da Oficina 1 é o episódio "Tá subvendo não?", do livro Cálculo dos Humans, com direção de Paulo Morvil. O filme aborda a questão econômica envolvendo administrações municipais de uma comunidade pobre do Rio de Janeiro. A história segue temas como desenvolvimento, trabalho informal, racismo, desigualdade social, gênero e sustentabilidade e demonstra como o dinheiro circula na sociedade.

O vídeo estimula o debate sobre política pública, desigualdade, justiça social e sustentabilidade, em especial, estabelecimento de alíquotas do orçamento público, da representatividade das mulheres e a ressignificação do ciclo orçamentário. Terminado o filme, os grupos apresentam propostas e emulham a elaboração de um argumento, considerando prioridades das políticas públicas. O debate de ideias é participação social.

Oficina 4

COMUNICAÇÃO

Como se comunicam as ideias? Nessa oficina, o trabalho inicia com uma conversa breve e livre sobre o que é comunicação. Em seguida, os/as estudantes fazem sobre os temas e linguagens preferidas. Pesquisamos perfis de papelão distribuídos para cada participante escreverem sobre o que gostariam de anunciar ou denunciar no grande mural em formato livre. As mensagens são coladas nos balões. Outra elaboração é a candidatura e "lançar" sobre os balões ao som de música. Ao final, cada participante escreve um balão. É a mensagem a ser enviada. Essa atividade revela como são os temas mais "quentes" do grupo que serviram de ponto de partida para a criação de Materiais Didáticos.

VIAGENS

Sabará (25 a 24 de janeiro)
Participação no Encontro da Rede Nacional Regional
Sociedade e Consumo Cívico - RNCR-RECO, juntamente
com a Rede Nacional Sociedade e Consumo Cívico
Alaçua's Society Award de Aragoaçua. No evento,
certos momentos destacaram-se uma oficina sobre
direitos humanos e empoderamento político e outra sobre
gênero. Cada uma dessas oficinas participaram de mais uma
oficina de livre escolha, que possibilitou momentos de
muitas atribuições ativas e políticas.

Forum Social Mundial em Belém
(27 de janeiro a 31 de fevereiro)
Participação na programação de Articulação Latino
Americana, Cultura e Política - ALACP. Duas oficinas
são realizadas pelo livro, Fórum e Fórum. Foram nos
dias 6 e 7, mais dois adolescentes, que já estavam em
Belém, Princesa e Luiza, foram convidados para
compartilhar a mesa. Todos os adolescentes participaram
das oficinas. Além de ter participado por ainda de um
tubo de rua com passagens de vários pontos do mundo
das atrações do "R".

Oficina Barbacena (27 de julho a 01 de agosto)
Oficina em Barbacena, promovida pelo KMH, para
Projeto de adolescentes do estado de Minas Gerais.
Uma suboficina do Cópia foi realizada. Foram res-
postas as oficinas sobre direitos humanos de crianças e
adolescentes, sobre empoderamento político, sobre par-
ticipação popular e sobre comunicação.

**Oficina em Belo Horizonte sobre Envelope
nos Direitos** (14 a 18 de dezembro)
Participação em oficina realizada em Belo Horizonte
com um grupo apoiado e articulado pelo KMH. O
objetivo da oficina foi trabalhar com foco nos direitos
A KMH promoveu esse evento em todas as regiões
onde está presente no mundo, com metodologias
diferenciadas. O Centro Don Heller, Clóvis de
Enxerto e Ação Social também se uniram com
atividades diferenciadas.



Oficina sobre empoderamento e direitos.



Oficina sobre empoderamento e direitos.



Oficina sobre consumo cívico.

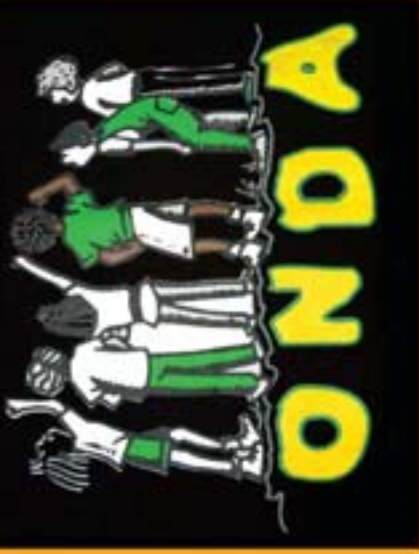


Forum Social Mundial em Belém.



Oficina de direitos humanos.

Adolescentes em movimento pelos direitos



Projeto ONDA: Adolescentes em Movimento pelos Direitos

Uma realização do Inesc

Este projeto visa a contribuir para a formação de adolescentes de escolas públicas em direitos humanos e empoderamento político, compreendendo vários temas fundamentais para a conquista da cidadania. A ideia central é ampliar o público jovem atuante no controle democrático das políticas públicas destinadas à infância e, com isso, envolver mais e mais adolescentes nos temas importantes para a sociedade. A metodologia é participativa e agrega arte à educação popular. O projeto promove atividades culturais e participação em audiências públicas, tratando nos seguintes e formação política de adolescentes.

